

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

HISTÓRIA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO MÉDIO
VOLUME 1

Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

História : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2015.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 1)

Conteúdo: v. 1. 1ª série do Ensino Médio.

ISBN: 978-85-8312-114-5 (Impresso)

978-85-8312-092-6 (Digital)

1. História – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Médio. 3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Márcio Luiz França Gomes

Secretário

Cláudio Valverde

Secretário-Adjunto

Maurício Juvenal

Chefe de Gabinete

Marco Antonio da Silva

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochi

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Ghisleine Trigo Silveira

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira, Adriana dos Santos
Cunha, Durcilene Maria de Araujo Rodrigues,
Gisele Fernandes Silveira Farisco, Luiz Carlos Tozetto,
Raul Ravanelli Neto, Sabrina Moreira Rocha,
Virginia Nunes de Oliveira Mendes
Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha
Diretora Técnica de Formação Profissional

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Alves de Lavos, Carlos Ricardo Bifi, Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fabiana de Cássia Rodrigues, Fernando Manzieri

Heder, Herbert Rodrigues, Jonathan Nascimento, Laís Schalch, Liliane Bordignon de Souza, Marcos Luis Gomes, Maria Etelvina R. Balan, Maria Helena de Castro Lima, Paula Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Borghi Venco e Walkiria Rigolon

Autores

Arte: Roseli Ventrella e Terezinha Guerra; *Biologia*: José Manoel Martins, Marcos Egelstein, Maria Graciete Carramate Lopes e Vinicius Signorelli; *Filosofia*: Juliana Litvin de Almeida e Tiago Abreu Nogueira; *Física*: Gustavo Isaac Killner; *Geografia*: Roberto Giansanti e Silas Martins Junqueira; *História*: Denise Mendes e Márcia Juliana Santos; *Inglês*: Eduardo Portela e Jucimeire de Souza Bispo; *Língua Portuguesa*: Claudio Bazzoni e Giulia Murakami Mendonça; *Matemática*: Antonio José Lopes; *Química*: Olímpio Salgado; *Sociologia*: Dilma Fabri Marão Pichoneri e Selma Borghi Venco

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

Equipe de Produção
Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes
Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo, Alícia Toffani, Amarilis L. Maciel, Ana Paula S. Bezerra, Andressa Serena de Oliveira, Bárbara Odria Vieira, Carolina H. Mestriner, Caroline Domingos de Souza, Cíntia

Leitão, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David dos Santos Silva, Eloiza Mendes Lopes, Érika Domingues do Nascimento, Fernanda Brito Bincoletto, Flávia Beraldo Ferrare, Jean Kleber Silva, Leonardo Gonçalves, Lorena Vita Ferreira, Lucas Puntel Carrasco, Luiza Thebas, Mainã Greeb Vicente, Marcus Ecclissi, Maria Inez de Souza, Mariana Padoan, Natália Kessuani Bego Maurício, Olivia Frade Zambone, Paula Felix Palma, Pedro Carvalho, Polyanna Costa, Priscila Risso, Raquel Benchimol Rosenthal, Tatiana F. Souza, Tatiana Pavanelli Valsi, Thaís Nori Cornetta, Thamires Carolline Balog de Mattos e Vanessa Bianco Felix de Oliveira

Direitos autorais e iconografia: Ana Beatriz Freire, Aparecido Francisco, Fernanda Catalão, José Carlos Augusto, Larissa Polix Barbosa, Maria Magalhães de Alencastro, Mayara Ribeiro de Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Roberto Polacov, Sandro Carrasco e Stella Mesquita

Apoio à produção: Aparecida Ferraz da Silva, Fernanda Queiroz, Luiz Roberto Vital Pinto, Maria Regina Xavier de Brito, Natália S. Moreira e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo Russo e Casa de Ideias

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Médio e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Já na aba **Conteúdo EJA**, poderá acessar os Cadernos e vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

COMO SE APRENDE A ESTUDAR?

É importante saber que também se aprende a estudar. No entanto, se buscarmos em nossa memória, dificilmente nos lembraremos de aulas em que nos ensinaram a como fazer.

Afinal, como grifar um texto, organizar uma anotação, produzir resumos, fichamentos, resenhas, esquemas, ler um gráfico ou um mapa, apreciar uma imagem etc.? Na maioria das vezes, esses procedimentos de estudo são solicitados, mas não são ensinados. Por esse motivo, nem sempre os utilizamos adequadamente ou entendemos sua importância para nossa aprendizagem.

Aprender a estudar nos faz tomar gosto pelo estudo. Quando adquirimos este hábito, a atitude de sentar-se para ler e estudar os textos das mais diferentes disciplinas, a fim de aprimorar os conhecimentos que já temos ou buscar informações, torna-se algo prazeroso e uma forma de realizar novas descobertas. E isso acontece mesmo com os textos mais difíceis, porque sempre é tempo de aprender.

Na hora de ler para aprender, todas as nossas experiências de vida contam muito, pois elas são sempre o ponto de partida para a construção de novas aprendizagens. Ler amplia nosso vocabulário e ajuda-nos a pensar, falar e escrever melhor.

Além disso, quanto mais praticamos a leitura e a escrita, desenvolvemos melhor essas capacidades. Para isso, conhecer e utilizar adequadamente diferentes procedimentos de estudo é fundamental. Eles lhe servirão em uma série de situações, dentro e fora da escola, caso você resolva prestar um concurso público, por exemplo, ou mesmo realizar alguma prova de seleção de emprego.

Por todas essas razões, os procedimentos de estudo e as oportunidades de escrita são priorizados nos materiais, que trazem, inclusive, seções e dois vídeos de *Orientação de estudo*.

Por fim, é importante lembrar que todo hábito se desenvolve com a frequência. Assim, é essencial que você leia e escreva diariamente, utilizando os procedimentos de estudo que aprenderá e registrando suas conclusões, observações e dúvidas.

CONHECENDO O CADERNO DO ESTUDANTE

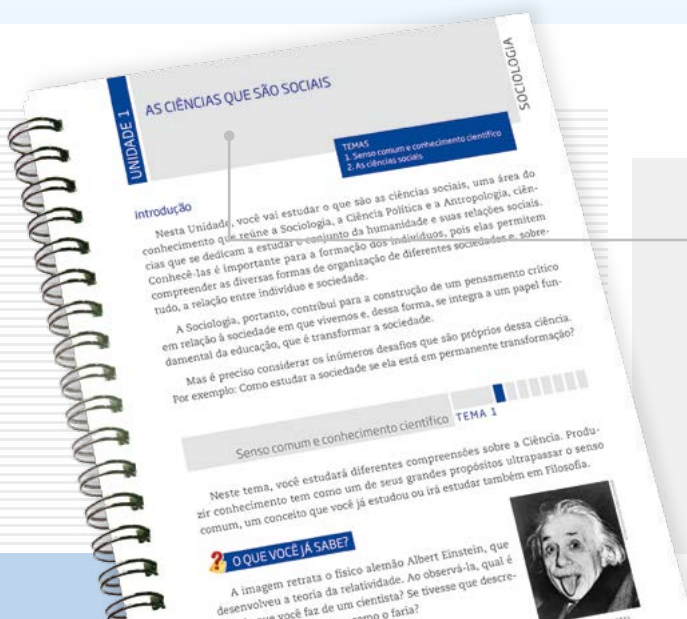
O Caderno do Estudante do Programa EJA – Mundo do Trabalho/CEEJA foi planejado para facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem, tanto fora da escola como quando for participar das atividades ou se encontrar com os professores do CEEJA. A ideia é que você possa, em seu Caderno, registrar todo processo de estudo e identificar as dúvidas que tiver.

O SUMÁRIO

Ao observar o Sumário, você perceberá que todos os Cadernos se organizam em Unidades (que equivalem a capítulos de livros) e que estas estão divididas em Temas, cuja quantidade varia conforme a Unidade.

Essa subdivisão foi pensada para que, de preferência, você estude um Tema inteiro de cada vez. Assim, conhecerá novos conteúdos, fará as atividades propostas e, em algumas situações, poderá assistir aos vídeos sobre aquele Tema. Dessa forma, vai iniciar e finalizar o estudo sobre determinado assunto e poderá, com o professor de plantão, tirar suas dúvidas e apresentar o que produziu naquele Tema.

Cada Unidade é identificada por uma cor, o que vai ajudá-lo no manuseio do material. Além disso, para organizar melhor seu processo de estudo e facilitar a localização do que gostaria de discutir com o professor do CEEJA, você pode indicar, no Sumário, os Temas que já estudou e aqueles nos quais tem dúvida.



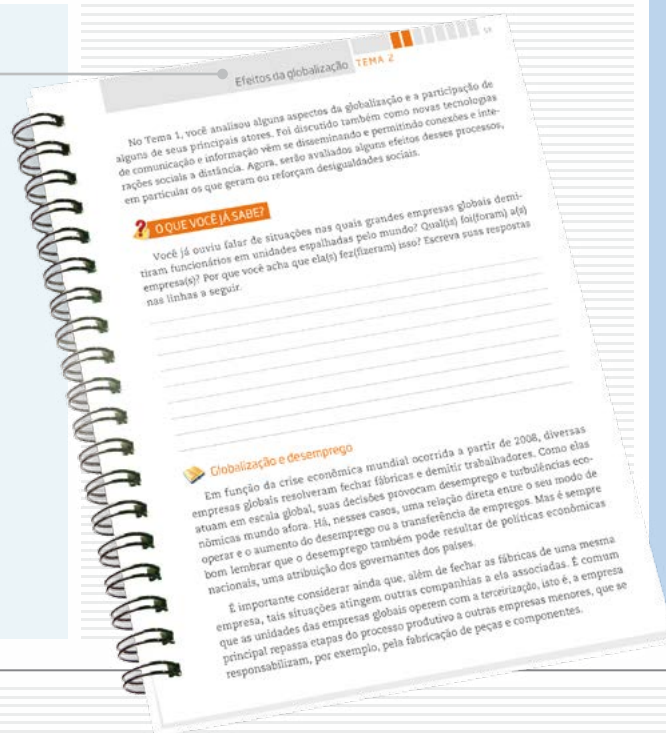
AS UNIDADES

Para orientar seu estudo, o início de cada Unidade apresenta uma breve introdução, destacando os objetivos e os conteúdos gerais trabalhados, além de uma lista com os Temas propostos.

OS TEMAS

A abertura de cada Tema é visualmente identificada no Caderno. Você pode perceber que, além do título e da cor da Unidade, o número de caixas pintadas no alto da página indica em qual Tema você está. Esse recurso permite localizar cada Tema de cada Unidade até mesmo com o Caderno fechado, facilitando o manuseio do material.

Na sequência da abertura, você encontra um pequeno texto de apresentação do Tema.



As seções e os boxes

Os Temas estão organizados em diversas seções que visam facilitar sua aprendizagem. Cada uma delas tem um objetivo, e é importante que você o conheça antes de dar início aos estudos. Assim, saberá de antemão a intenção presente em cada seção e o que se espera que você realize.

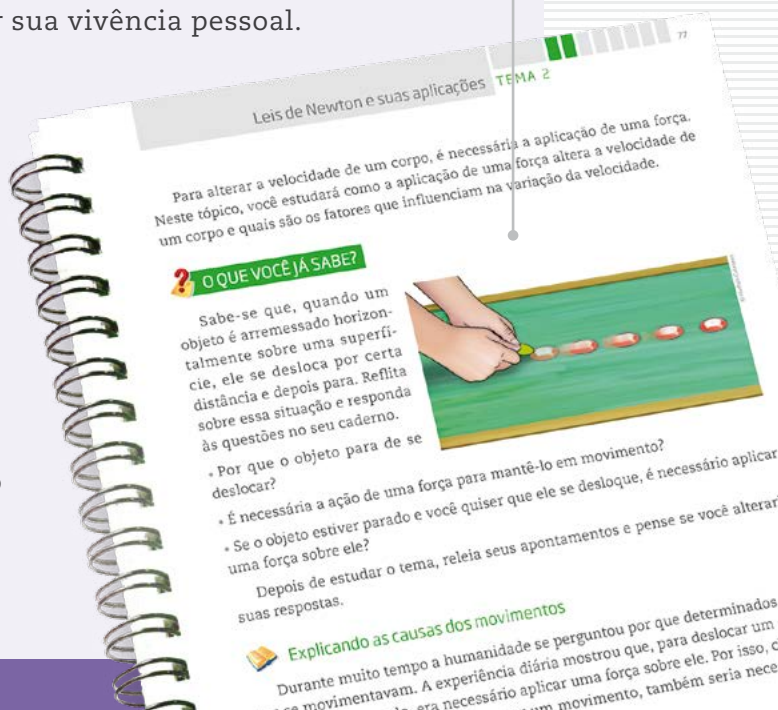
Algumas seções estão presentes em todos os Temas!

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Essa seção sempre aparece no início de cada Tema. Ela tem o objetivo de ajudá-lo a reconhecer o que você já sabe sobre o conteúdo a ser estudado, seja por estudos anteriores, seja por sua vivência pessoal.

Em nossa vida cotidiana, estamos o tempo todo utilizando os conhecimentos e as experiências que já temos para construir novas aprendizagens. Ao estudar, acontece o mesmo, pois lembramos daquilo que já sabemos para aprofundar o que já conhecíamos. Esse é sempre um processo de descoberta.

Essa seção pode ser composta por algumas perguntas ou um pequeno texto que o ajudarão a buscar na memória o que você já sabe a respeito do conteúdo tratado no Tema.

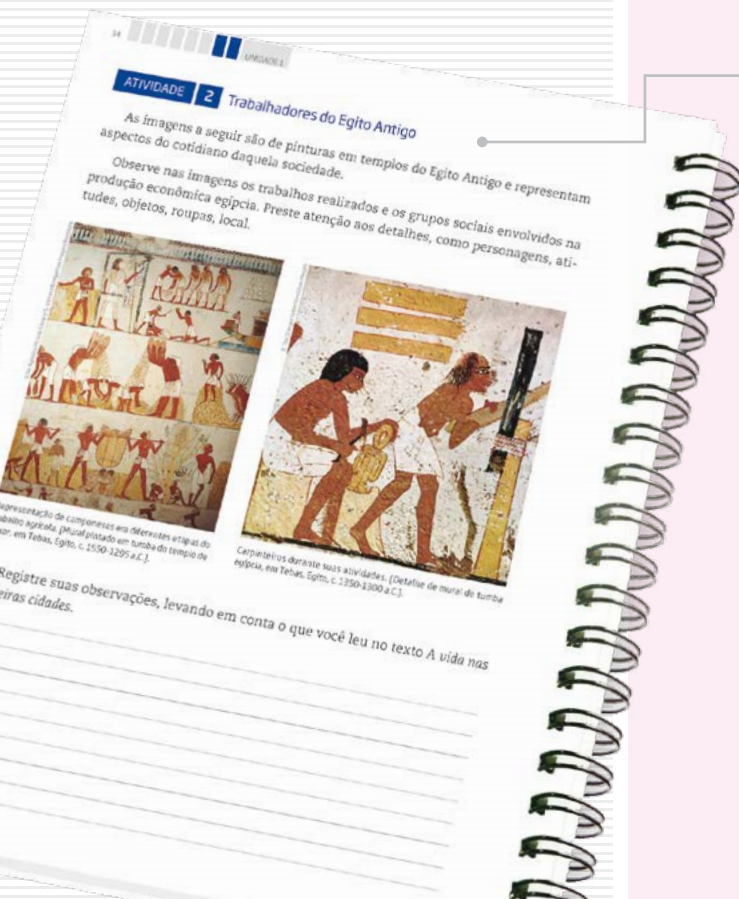
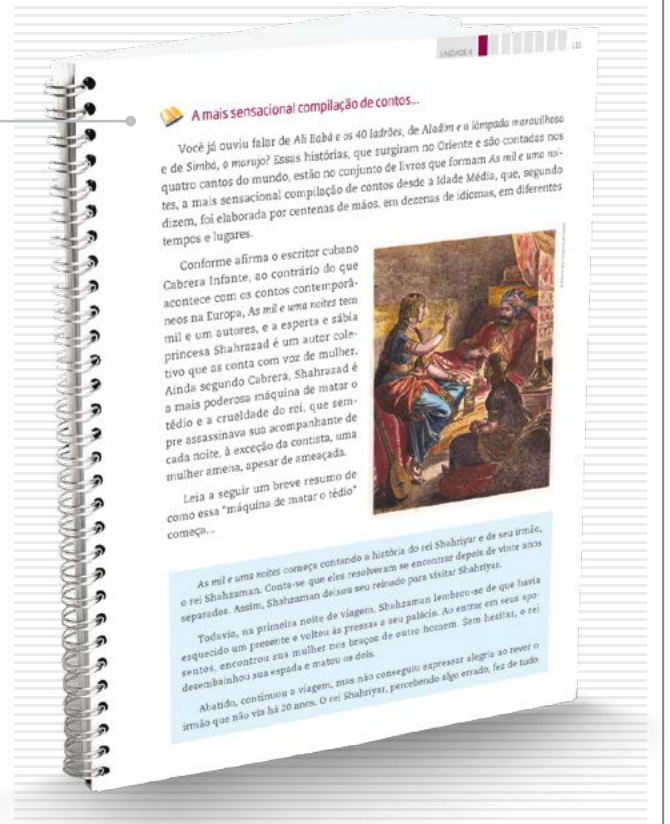


Textos

Os textos apresentam os conteúdos e conceitos a serem aprendidos em cada Tema. Eles foram produzidos, em geral, procurando dialogar com você, a partir de uma linguagem clara e acessível.

Imagens também foram utilizadas para ilustrar, explicar ou ampliar a compreensão do conteúdo abordado.

Para ampliar o estudo do assunto tratado, boxes diversos ainda podem aparecer articulados a esses textos.



ATIVIDADE

As atividades antecipam, retomam e ampliam os conteúdos abordados nos textos, para que possa perceber o quanto já aprendeu. Nelas, você terá a oportunidade de ler e analisar textos de outros autores, mapas, gráficos e imagens, de modo a ampliar sua compreensão a respeito do que foi apresentado nos textos. Lembre-se de ler atentamente as orientações antes de realizar os exercícios propostos e de sempre anotar suas dúvidas.

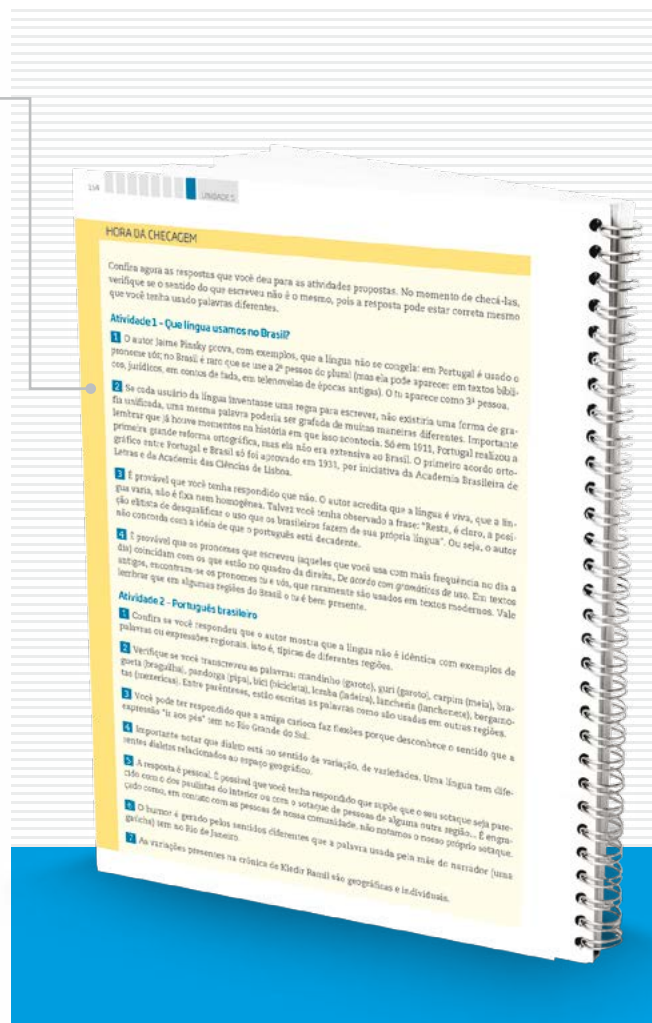
Para facilitar seus estudos, assim como os encontros com o professor do CEEJA, muitas dessas atividades podem ser realizadas no próprio Caderno do Estudante.

HORA DA CHECAGEM

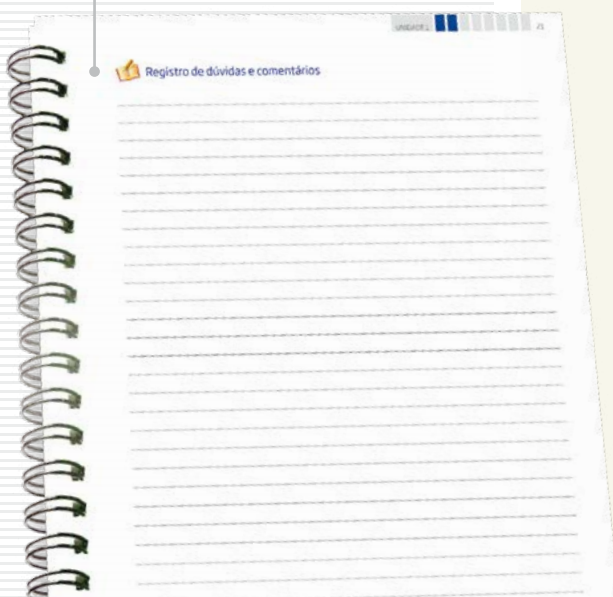
Essa seção apresenta respostas e explicações para todas as atividades propostas no Tema. Para que você a localize com facilidade no material, ela tem um fundo amarelo que pode ser identificado na margem lateral externa do Caderno. É nela que você vai conferir o resultado do que fez e tirar suas dúvidas, além de ser também uma nova oportunidade de estudo. É fundamental que você leia as explicações após a realização das atividades e que as compare com as suas respostas. Analise se as informações são semelhantes e se esclarecem suas dúvidas, ou se ainda é necessário completar alguns de seus registros.

Mas, atenção! Lembre-se de que não há apenas um jeito de organizar uma resposta correta. Por isso, você precisa observar seu trabalho com cuidado, perceber seus acertos, aprender com as correções necessárias e refletir sobre o que fez, antes de tomar sua resposta como certa ou errada.

É importante que você apresente o que fez ao professor do CEEJA, pois ele o orientará em seus estudos.



REGISTRO DE DÚVIDAS E COMENTÁRIOS



Essa seção é proposta ao final de cada Tema. Depois de você ter estudado os textos, realizado as atividades e consultado as orientações da *Hora da checagem*, é importante que você registre as dúvidas que teve durante o estudo.

Registrar o que se está estudando é uma forma de aprender cada vez mais. Ao registrar o que aprendeu, você relembra os conteúdos – construindo, assim, novas aprendizagens – e reflete sobre os novos conhecimentos e sobre as dúvidas que eventualmente teve em determinado assunto.

Sistematizar o que aprendeu e as dúvidas que encontrou é uma ferramenta importante para você e o professor, pois você organizará melhor o que vai perguntar a ele, e o professor, por sua vez, poderá acompanhar com detalhes o que você estudou, e como estudou. Assim, ele poderá orientá-lo de forma a dar prosseguimento aos estudos da disciplina.

Por isso, é essencial que você sempre utilize o espaço reservado dessa seção ao concluir o estudo de cada Tema. Assim, não correrá o risco de esquecer seus comentários e suas dúvidas até o dia de voltar ao CEEJA.

Algumas seções não estão presentes em todas as Unidades, mas complementam os assuntos abordados!

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

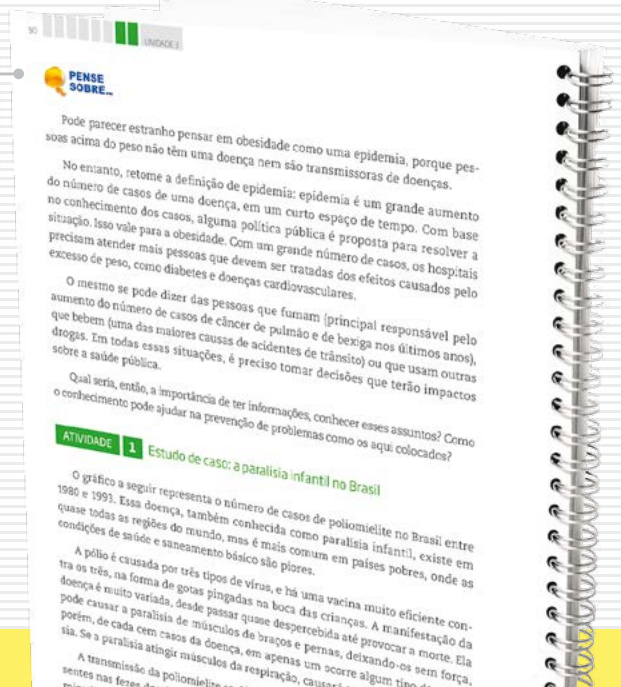
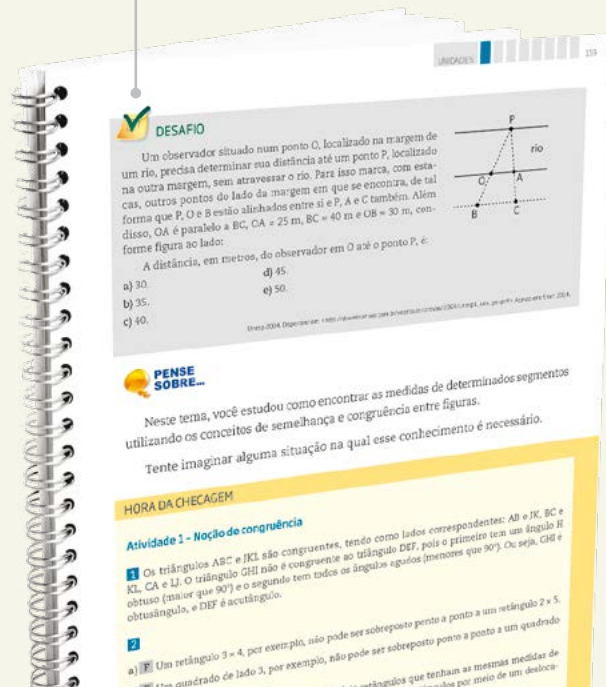
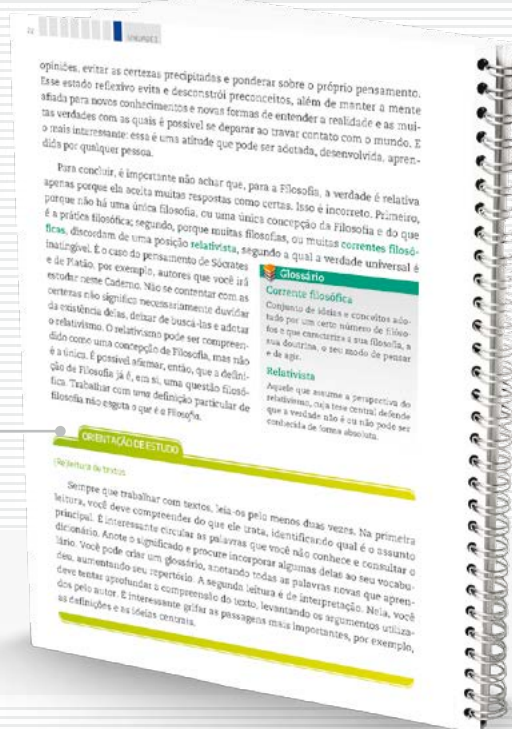
Essa seção enfoca diferentes procedimentos de estudo, importantes para a leitura e a compreensão dos textos e a realização das atividades, como grifar, anotar, listar, fichar, esquematizar e resumir, entre outros. Você também poderá conhecer e aprender mais sobre esses procedimentos assistindo aos dois vídeos de *Orientação de estudo*.

DESAFIO

Essa seção apresenta questões que caíram em concursos públicos ou em provas oficiais (como Saesp, Enem, entre outras) e que enfocam o conteúdo abordado no Tema. Assim, você terá a oportunidade de conhecer como são construídas as provas em diferentes locais e a importância do que vem sendo aprendido no material. As respostas também estão disponíveis na *Hora da checagem*.

PENSE SOBRE...

Essa seção é proposta sempre que houver a oportunidade de problematizar algum conteúdo desenvolvido, por meio de questões que fomentem sua reflexão a respeito dos aspectos abordados no Tema.



MOMENTO CIDADANIA

Essa seção aborda assuntos que têm relação com o que você estará estudando e que também dialogam com interesses da sociedade em geral. Ela informa sobre leis, direitos humanos, fatos históricos etc. que o ajudarão a aprofundar seus conhecimentos sobre a noção de cidadania.



PARA SABER MAIS

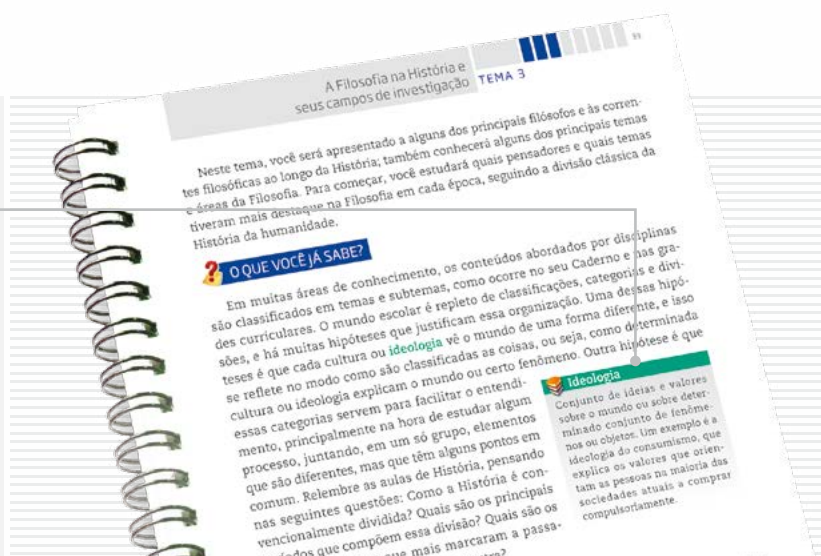
Essa seção apresenta textos e atividades que têm como objetivo complementar o assunto estudado e que podem ampliar e/ou aprofundar alguns dos aspectos apresentados ao longo do Tema.



Os boxes são caixas de texto que você vai encontrar em todo o material. Cada tipo de box tem uma cor diferente, que o destaca do texto e facilita sua identificação!

GLOSSÁRIO

A palavra *glossário* significa “dicionário”. Assim, nesse box você encontrará verbetes com explicações sobre o significado de palavras e/ou expressões que aparecem nos textos que estará estudando. Eles têm o objetivo de facilitar sua compreensão.



BIOGRAFIA

Esse boxe aborda aspectos da vida e da obra de autores ou artistas trabalhados no material, para ampliar sua compreensão a respeito do texto ou da imagem que está estudando.

ASSISTA!

Esse boxe indica os vídeos do Programa, que você pode assistir para complementar os conteúdos apresentados no Caderno. São indicados tanto os vídeos que compõem os DVDs – que você recebeu com os Cadernos – quanto outros, disponíveis no site do Programa. Para facilitar sua identificação, há dois ícones usados nessa seção.

FICA A DICA!

Nesse boxe você encontrará sugestões diversas para saber mais sobre o conteúdo trabalhado no Tema: assistir a um filme ou documentário, ouvir uma música, ler um livro, apreciar uma obra de arte etc. Esses outros materiais o ajudarão a ampliar seus conhecimentos. Por isso, siga as dicas sempre que possível.

comuns. Essas comunidades se estendem também ao povo com língua e história comuns. Os bascos, que foram dominados. É o caso do Tibete, invadido e anexoado pela China em 1951. Até hoje os bascos lutam para manter tradições culturais e libertar-se do domínio chinês.

O mundo está em constante movimento e isso se reflete no mapa-múndi. As divisões políticas e as extensões territoriais mudam o tempo todo, resultado de conquistas e dominações, insatisfações e anseios de emancipação política.

O século XX ficou marcado por dois grandes conflitos mundiais (a 1ª e a 2ª Guerra Mundial), tornando-se um dos períodos da história humana com maior número de mortes. Somente na 2ª Guerra, estima-se que morreram mais de 60 milhões de pessoas. Arrastadas pelas guerras, as potências capitalistas europeias necessitaram de ajuda externa (em especial, dos EUA) para se reerguerem, no mesmo tempo que, aos poucos, foram libertando domínios coloniais. Inúmeras lutas de libertação colonial tiveram lugar entre os anos 1950 e 1960. Em alguns países, isso aconteceu antes, como no caso da Índia, que se libertou do domínio colonial britânico em 1947.

FICA A DICA!

A respeito das lutas de libertação colonial na Ásia, assista ao filme *Genji* (direção de Richard Attenborough, 1982), sobre a vida do líder da libertação colonial da Índia.

VOCÊ SABIA?

Esse boxe apresenta curiosidades relacionadas ao assunto que você está estudando. Ele traz informações que complementam seus conhecimentos.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 – Os primeiros tempos da humanidade e as primeiras civilizações17**Tema 1 – A história e suas fontes17 Tema 2 – O surgimento das civilizações27 **Unidade 2 – Cidadania, império e escravidão na Antiguidade45**Tema 1 – Grécia Antiga: Atenas e Esparta, cidades da Antiguidade em guerra46 Tema 2 – Roma: um imenso império na Antiguidade59 **Unidade 3 – Bárbaros, cristãos e muçulmanos na Europa medieval 74**Tema 1 – A criação de uma nova vida social e política na Europa e de um império
na Idade Média 74 Tema 2 – O feudalismo na Europa e a luta entre cristãos e muçulmanos 83 **Unidade 4 – Renascimento comercial, urbano e cultural 96**Tema 1 – As transformações do feudalismo96 Tema 2 – O Renascimento artístico e cultural103

Caro(a) estudante,

Bem-vindo. Retomar os estudos é uma decisão importante que, sem dúvida, marcará sua história pessoal. Estudar é um direito do cidadão e, seja em que etapa da vida ele seja conquistado, o retorno à escola significa ampliar seus conhecimentos e abrir novas possibilidades de exercer a cidadania.

Os conhecimentos da disciplina de História relacionam-se com o presente, compreendido como fruto de escolhas e realizações de diferentes grupos sociais em outros tempos. Ao entendermos que “somos o que somos” porque temos um passado, podemos dar significado aos acontecimentos e criar uma visão crítica sobre a realidade, bem como transformá-la.

O Caderno que você tem em mãos faz parte de uma coleção estruturada em três Cadernos e voltada ao ensino de História para estudantes de Ensino Médio dos CEEJAs.

Este Volume está dividido em quatro Unidades. A Unidade 1 – Os primeiros tempos da humanidade e as primeiras civilizações organiza-se em dois temas: *A história e suas fontes* e *O surgimento das civilizações*. O objetivo do primeiro é apresentar a você as reflexões e os métodos envolvidos no trabalho do historiador. O segundo trata de um longo período da história humana que possibilitou o surgimento das civilizações na Antiguidade oriental.

Na Unidade 2 – Cidadania, império e escravidão na Antiguidade, os temas são *Grécia Antiga: Atenas e Esparta, cidades da Antiguidade em guerra* e *Roma: um imenso império na Antiguidade*. Sobre a chamada Antiguidade Clássica, você estudará a organização social e política da Grécia Antiga e da Roma Antiga, buscando perceber as contribuições dessas culturas – como a criação da democracia e da república – para a organização política da sociedade ocidental contemporânea.

A Unidade 3 – Bárbaros, cristãos e muçulmanos na Europa medieval aborda temas relacionados à consolidação do mundo cristão na Europa – *A criação de uma nova vida social e política na Europa e de um império na Idade Média* – e aos conflitos religiosos e culturais com outros povos durante a Idade Média – *O feudalismo na Europa e a luta entre cristãos e muçulmanos*.

A Unidade 4 – Renascimento comercial, urbano e cultural trata de processos ocorridos no final da Idade Média, que possibilitaram a transição para a Idade Moderna, e divide-se em dois temas: *As transformações do feudalismo* e *O Renascimento artístico e cultural*.

As Unidades contam com textos didáticos, acompanhados de textos acadêmicos e jornalísticos, imagens variadas, documentos de época, mapas e tabelas, que buscam estabelecer relações significativas entre os acontecimentos abordados, apresentando diferentes pontos de vista sobre o passado e visando despertar em você o senso crítico e o desejo de saber mais.

Junto com o Volume 1, você encontra dois vídeos que vão ajudá-lo a compreender os temas tratados e a ampliar seus conhecimentos sobre os períodos históricos estudados.

Bons estudos!

TEMAS

1. A história e suas fontes
2. O surgimento das civilizações

Introdução

Na Unidade 1, você estudará o caminho que a humanidade seguiu, a partir do momento em que grupos humanos iniciaram o cultivo de plantas, deixando de ser **nômades** e tornando-se sedentários, isto é, quando fixaram-se em um só território para dele viver. Verá também como ocorreu o surgimento das primeiras cidades na Mesopotâmia e no Egito, duas das regiões nas quais tiveram início a agricultura e a criação de animais, assim como a organização social e política das antigas sociedades. Serão abordados também a relação com a religião e o surgimento do Estado nessas sociedades.



Nômade

Aquele que não tem morada fixa; que não se estabelece em uma região.

Foi nesse período que o ser humano passou a aperfeiçoar as técnicas agrícolas, que seu trabalho na terra garantiu o sustento das comunidades que se formavam ao longo dos rios e que as primeiras civilizações se desenvolveram. Você também estudará o passado dos povos do Brasil, os primeiros habitantes desse território, e aspectos da sua organização social, política, econômica e de suas culturas.

Mas antes de você estudar alguns desses povos da Antiguidade é importante compreender como é possível conhecer culturas tão antigas e que, às vezes, nem existem mais. Como os historiadores fazem para resgatar um passado tão distante? Como é feito o trabalho de pesquisa sobre outros tempos?

Você iniciará seus estudos em História conhecendo alguns aspectos importantes do trabalho do historiador, como seus métodos, seus objetivos, suas fontes de pesquisa e também algumas discussões sobre como a história é escrita, qual sua relação com o tempo e quem constrói a história.

Você já se perguntou como é possível conhecer a história dos primeiros seres humanos ou das primeiras comunidades? Ou, ainda, como é possível saber o que aconteceu em lugares distantes, em outras culturas? Como será o trabalho de pesquisar, isto é, de buscar, encontrar e interpretar as informações que possibilitam

aos estudiosos resgatar o passado? Por que é importante conhecer o passado? Há relações entre nós, no presente, e esses seres humanos de outros tempos e espaços?

O objetivo deste tema é contribuir para que você pense historicamente, é despertar em você a consciência histórica, ou seja, a compreensão de que todos têm um passado que explica seu presente e que o que existe hoje não é algo natural que sempre existiu, mas sim construído ao longo da história. Esse passado se manifesta no presente e orienta as decisões e ações futuras. Isso significa que somos o que somos hoje porque temos uma história; somos fruto da história e sujeitos da história, pois podemos mudá-la.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Para você, o que a História estuda? Qual é o sentido de estudar a história, seja a nossa ou a de outros povos? Qual ideia lhe vem à mente quando se fala em história da humanidade? Com quais fatos você a associa?

Registre a seguir suas primeiras ideias sobre a disciplina e anote expressões ou palavras relacionadas ao seu estudo.



Fontes históricas e o trabalho do historiador

Contar histórias faz parte da vida das pessoas. O tempo todo elas compartilham experiências, narram acontecimentos por elas vividos, lembram-se de um encontro, lamentam um desencontro, contam uma mudança, justificam uma atitude, explicam uma reação, enfim, organizam as informações que fazem parte da vida, tentando dar um significado para todos esses momentos.

Mas você já parou para pensar que a sua história faz parte de uma história maior? Você, na sua condição de ser humano, vive em sociedade, portanto, sua história pessoal está profundamente relacionada com a história da sua família, da comunidade, do bairro, da escola, do local de trabalho, da cidade, do país e até mesmo do mundo! Todos fazem parte de diferentes **grupos sociais** e, ao mesmo tempo que são influenciados por eles, também ajudam a construir suas histórias.



Grupo social

Grupo de pessoas que se relacionam, interagem e compartilham um modo de ser, de pensar e de viver e que possuem interesses em comum; é uma forma básica de associação humana, como família, grupo de amigos, grupos religiosos ou políticos, escola etc.

A história é construída pelas relações estabelecidas entre os seres humanos, em um tempo e espaço determinados. Assim, os acontecimentos estão relacionados às ações humanas, de acordo com as condições existentes e os interesses que estão em jogo. Cabe ao historiador buscar informações que o ajudem a montar um “quebra-cabeça” sobre o passado e a dar um significado a ele. Como é possível fazer essa investigação?

O **ofício** do historiador, como todos os outros, tem suas “ferramentas” e seus métodos. Esse profissional precisa de fontes históricas para sua pesquisa. O que são **fontes históricas**?

Por muito tempo, apenas os registros escritos foram considerados documentos confiáveis. Até o início do século XX, acreditava-se que apenas os textos escritos eram registros fiéis do passado, pois contariam o que aconteceu, sem o perigo de interpretações variadas ou conflitantes. Os historiadores pensavam que existia uma única verdade e que ela estava documentada nos registros escritos. Bastaria que eles lessem e contassem o que haviam encontrado.

Mas essa ideia mudou. Há algumas décadas, as fontes históricas foram ampliadas e novos registros passaram a ser considerados documentos. Como resultado, os historiadores da atualidade interpretam não só textos escritos, mas também fotografias, filmes, ruínas de edificações, vestimentas, músicas, depoimentos orais, objetos variados (joias, moedas, brinquedos, ferramentas de trabalho etc.).

Essa nova postura diante dos documentos permitiu aos historiadores conhecer outros aspectos das sociedades estudadas, pois novas informações surgiram a respeito da vida em outras épocas e lugares. Se antes interessavam apenas os acordos **diplomáticos** e a história dos heróis nacionais, com as novas fontes, temas antes desconsiderados passaram a ser pesquisados e as pessoas que não eram valorizadas pela História começaram a ser ouvidas. Por exemplo,



Glossário

Ofício

Tarefa ou missão da qual alguém se encarrega; trabalho, profissão, ocupação, atividade que requer um saber específico.

Fonte histórica

Todo tipo de vestígio produzido pelos seres humanos ao longo do tempo e que informa ao historiador aspectos sobre a história das sociedades. Portanto, são consideradas fontes históricas os registros escritos (cartas, tratados, contratos, livros etc.) e visuais (fotografias, desenhos, pinturas, filmes, entre outros), objetos (vestimentas, utensílios, móveis, ruínas de edificações e muitos outros) e também músicas, depoimentos de pessoas, mitos, tradições etc. Muitos historiadores utilizam o termo “documento” como sinônimo de fonte histórica.

Diplomático

Referente à diplomacia, isto é, à prática de negociação entre países ou nações, realizada por seus governos ou representantes, com o objetivo de estabelecer acordos ou resolver conflitos.

pesquisadores começaram a escrever a história das mulheres, das crianças, dos escravos, dos soldados, dos imigrantes, dos trabalhadores etc. Eles deram voz a pessoas comuns que fizeram e fazem a história.

Se o registro escrito fosse, de fato, a única fonte de informação para um historiador, como ele escreveria a história dos povos antes da invenção da escrita? Não se saberia a história dos primeiros 2 milhões de anos da trajetória humana, conhecida como **Pré-história**, pois naqueles tempos não havia registros escritos. Como foi possível conhecer esses povos do passado? Há documentos disponíveis sobre essas sociedades sem escrita, como você verá a seguir.



VOCÊ SABIA?

Existem diferentes tempos na história. O tempo é uma duração, é um intervalo entre diferentes ações. A história acontece ao longo do tempo e a medição das durações é feita de diversas maneiras. Para a história da Terra usa-se o **tempo geológico**, que utiliza medidas com milhares, milhões e até bilhões de anos, as chamadas eras geológicas. Entretanto, para a história da humanidade trabalha-se com o **tempo histórico**, isto é, o período marcado pela presença dos seres humanos e por suas intervenções na natureza. Para a trajetória humana, são usadas medidas como dias, anos, séculos e períodos.

Alguns dos estudiosos das sociedades antigas e dos grupos humanos sem escritas são os arqueólogos. A Arqueologia é uma ciência que estuda o passado humano por meio dos vestígios deixados pelos povos que habitaram a Terra desde o início da humanidade (por volta de 2 milhões de anos atrás). Entre esses vestígios estão pontas de flechas, cacos de cerâmica e vidro, urnas funerárias, colares de conchas, ossos de animais, pinturas rupestres (pinturas feitas geralmente em paredes de cavernas por povos antigos), vestígios de fogueira, ruínas de construções etc.

Os achados arqueológicos são analisados e interpretados no seu contexto, no seu conjunto, ou seja, levando em consideração o local onde foram achados, quem vivia ali, a relação com outros objetos do mesmo período etc. Dessa forma, o estudo desses achados permite entender como um local (o sítio arqueológico) foi ocupado por um grupo humano durante uma determinada época. A análise dos objetos produzidos por esses grupos informa sobre como viviam, trabalhavam, produziam, alimentavam-se, vestiam-se e também mostra quais eram as suas práticas, seus saberes militares, arquitetônicos, religiosos etc.

A história dessas sociedades, portanto, pode ser estudada por arqueólogos e historiadores, por exemplo, por meio de pesquisas em que diferentes ciências contribuem umas com as outras. Cada vez mais os cientistas percebem que trabalhar em equipe, reunindo diversos saberes e pontos de vista, pode enriquecer o conhecimento sobre o passado. Assim, a História dialoga com outras ciências, ampliando suas possibilidades de compreensão da trajetória humana.

Todo tipo de vestígio produzido pelo ser humano pode se tornar fonte de informação desde que analisado criticamente. Ao historiador cabe investigá-lo, por meio de perguntas, como: o que é, do que é feito, como foi feito, quem o fez, quando foi feito, para que servia, como era usado, quem usava, por que usava, onde foi encontrado, entre outras. A pesquisa histórica parte dessas indagações para conhecer e interpretar o passado.



VOCÊ SABIA?

O trabalho de um arqueólogo não é nada parecido com a imagem de “caçador de tesouros” que se vê nos filmes de Indiana Jones, do cinema hollywoodiano. A atuação do arqueólogo é voltada, principalmente, a pesquisas que o ajudem a compreender as relações humanas em diferentes sociedades. Para isso, ele procura identificar e escavar sítios arqueológicos, que são locais nos quais viveram civilizações passadas, e onde podem ser encontradas evidências do cotidiano dessas civilizações (como objetos, construções, registros etc.). Ele documenta e coleta o que encontra, para, então, relacionar essas evidências ao modo de vida do grupo que as produziu. Muito do que atualmente se conhece sobre a história humana deve-se à Arqueologia.



PENSE SOBRE...

Conforme a tradição, a divisão do tempo histórico estabelece dois períodos. A **Pré-história** é o período mais longo da trajetória humana – começa com o surgimento das primeiras espécies de seres humanos (como o *Homo habilis*), há aproximadamente 2 milhões de anos, continua com o surgimento do homem moderno (o *Homo sapiens*), em torno de 200 mil anos atrás, e termina com a invenção da escrita, por volta de 3200 a.C. A **História**, portanto, começa há pouco mais de 5 mil anos.

A Pré-história também pode ser subdividida em períodos, como Paleolítico, Neolítico e Idade dos Metais, do mais antigo para o mais recente. Essa periodização é adequada ao estudo da história humana nos continentes africano, europeu e asiático. Para a América, o Tema 2 desta Unidade apresentará mais detalhes.

O prefixo “pré” indica “o que vem antes”, portanto, a denominação do período anterior à escrita como “Pré-história” mostra uma visão de História atrelada de forma exclusiva a uma concepção de documento escrito – é como se o ser humano só tivesse começado a “fazer história” quando começou a escrever. Então, seguindo essa lógica, pode-se achar que antes da escrita não há história. Você concorda com essa afirmação?

ATIVIDADE 1 Usando fontes históricas

Analise os documentos a seguir.

© Arquivo Iconographia/Reminiscências



Operários das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (IRFM). O registro de crianças na foto indica o trabalho infantil. São Paulo, por volta de 1910.

Fundação Biblioteca Nacional



Capa do jornal comunista A Classe Operária, com sede no Rio de Janeiro, 1925.

Imagine que você é um historiador e observe as imagens, consideradas fontes históricas. Para isso, questione a natureza desses documentos, note o que está sendo mostrado e a época em que os registros foram realizados. Além disso, leia as legendas para obter mais informações. Anote suas conclusões sobre o período histórico e o modo de vida representado nos documentos.

Com base na análise que você fez, quais histórias você conseguiria contar por meio dessas fontes? Escreva um parágrafo com as suas conclusões sobre a realidade dos trabalhadores daquela época.



Interpretação das fontes e versões da história

Na análise das fontes, é fundamental a interpretação das informações que elas oferecem. O historiador, ao construir uma narrativa histórica, isto é, ao contar uma história, organiza as informações por ele pesquisadas e, então, apresenta uma versão sobre o tema de sua pesquisa. Um mesmo acontecimento, um mesmo período e um mesmo personagem podem ser estudados e conhecidos segundo diferentes pontos de vista, porque cada historiador compreende o que se passou na história de uma maneira.

Por exemplo, se um historiador pesquisar a história de uma greve privilegiando arquivos de um dos lados envolvidos, sua versão sobre os conflitos, reivindicações e consequências do movimento grevista pode ser diferente da interpretação de outro pesquisador que tenha tomado como fonte outros documentos. Cada um vai lançar um olhar sobre o passado e construir uma versão sobre ele. É no presente que se define o que se busca conhecer do passado.

Assim, se um historiador concentrar seus estudos nos depoimentos dos operários envolvidos, ou de suas famílias, a opinião sobre a greve será uma; se outro historiador pesquisar apenas as falas dos patrões, a visão sobre esse episódio será provavelmente diferente, porque a visão de mundo do trabalhador é diferente

da visão do empresário. Isso quer dizer que não há uma verdade absoluta, pois o passado é resgatado e interpretado conforme as preocupações e os métodos do historiador e também de acordo com as fontes por ele pesquisadas.

Portanto, os livros, os filmes, os jornais, as revistas, os depoimentos e as representações iconográficas (imagens) apresentam versões sobre a história. Afinal, notícias veiculadas pela imprensa, textos acadêmicos e fotografias foram criados por indivíduos que possuem suas próprias opiniões, que têm olhares particulares sobre a realidade que os cerca. Desse modo, é importante reconhecer as versões dos fatos predominantes nessas produções e identificar os motivos que levaram essas pessoas a pensar da maneira como elas pensaram. Isso é ter senso crítico, é construir uma versão própria, mais profunda em relação à realidade, é buscar compreender as relações sociais, políticas, econômicas e culturais envolvidas em determinado contexto histórico. Por meio do aprimoramento dessa postura crítica é possível refletir sobre os acontecimentos, do passado e do presente, e elaborar uma visão pessoal sobre eles, de acordo com a própria visão de mundo, ou seja, com os valores de cada um.

Veja um exemplo de interpretação da história: é comum ser veiculado na escola ou na imprensa que o Brasil foi “descoberto” pelos portugueses. No entanto, os índios já estavam nos territórios do atual Brasil quando os portugueses chegaram. Essa versão da história é **etnocêntrica** e procura legitimar o processo de colonização europeia e de exploração ocorrido no Brasil, atribuindo aos povos nativos um papel secundário.



Etnocêntrico

Relacionado a etnocentrismo, isto é, à ideia de que um grupo ou uma cultura é mais importante do que os demais.

ATIVIDADE 2 Versões da história

Você está ou já esteve desempregado, ou conhece alguém nessa situação? Você já deve ter ouvido diferentes versões para explicar o desemprego. Considerando o que leu no texto sobre a possibilidade de construir diferentes versões a respeito de um mesmo fato histórico e sobre a construção do senso crítico, como você explicaria o desemprego?



DESAFIO

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), disse nesta segunda-feira [30/5] que o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello foi apenas um “acidente” na história do Brasil. Sarney minimizou o episódio em que Collor, que atualmente é senador, teve seus direitos políticos cassados pelo Congresso Nacional. “Eu não posso censurar os historiadores que foram encarregados de fazer a história. Mas acho que talvez esse episódio seja apenas um acidente que não devia ter acontecido na história do Brasil”, disse o presidente do Senado.

Correio Braziliense, 30/05/2011.

Sobre o “episódio” mencionado na notícia acima, pode-se dizer acertadamente que foi um acontecimento

- a) de grande impacto na história recente do Brasil e teve efeitos negativos na trajetória política de Fernando Collor, o que faz com que seus atuais aliados se empenhem em desmerecer este episódio, tentando diminuir a importância que realmente teve.
- b) nebuloso e pouco estudado pelos historiadores, que, em sua maioria, trataram de censurá-lo, impedindo uma justa e equilibrada compreensão dos fatos que o envolvem.
- c) acidental, na medida em que o *impeachment* de Fernando Collor foi considerado ilegal pelo Supremo Tribunal Federal, o que, aliás, possibilitou seu posterior retorno à cena política nacional, agora como senador.
- d) menor na história política recente do Brasil, o que permite tomar a censura em torno dele, promovida oficialmente pelo Senado Federal, como um episódio ainda menos significativo.
- e) indesejado pela imensa maioria dos brasileiros, o que provocou uma onda de comoção popular e permitiu o retorno triunfal de Fernando Collor à cena política, sendo candidato conduzido por mais duas vezes ao segundo turno das eleições presidenciais.

Fuvest 2012. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2012/1fase/fuv2012v.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Usando fontes históricas

Você observou dois documentos: um iconográfico – uma fotografia – e outro, em grande parte, escrito – um jornal. Com base na fotografia, você pôde perceber que, na década de 1910, em São Paulo, a industrialização já havia começado e, nas fábricas, trabalhavam homens, mulheres e também crianças (o trabalho infantil ainda não era proibido). Por meio da análise do jornal, foi possível saber que, em meados da década de 1920, os operários buscavam se organizar em sindicatos e lutar por direitos e melhores condições de trabalho, publicando inclusive jornais, inspirados provavelmente pelos movimentos europeus socialistas do século XIX e pela Revolução Russa de 1917. Portanto, você pôde perceber que as fontes precisam ser analisadas, relacionadas, interpretadas e contextualizadas.

Há cerca de 2 milhões de anos, a humanidade iniciou sua trajetória no planeta. Hoje, a população mundial já ultrapassou os 7,2 bilhões de pessoas, e a previsão da Organização das Nações Unidas (ONU) é que em 2050 será de quase 10 bilhões!

**ONU**

Organização internacional, fundada em 1945, formada por países que se reúnem voluntariamente para trabalhar pela paz e pelo desenvolvimento mundiais.

Mas nem sempre as sociedades humanas ocuparam grandes territórios nos continentes. Quando a humanidade surgiu no planeta, as condições de vida eram bem diferentes das atuais.

Garantir a sobrevivência era um desafio cotidiano para os pequenos grupos humanos, ameaçados pelas condições naturais e outras espécies de animais. A evolução da espécie e o conhecimento por ela produzido contribuíram para o crescimento populacional e a ocupação humana da Terra.

Mas você sabe como viviam os seres humanos até aproximadamente 10 mil anos atrás? Este tema apresentará a você as principais etapas desse processo.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

No Tema 1, você entrou em contato com o termo Pré-história, utilizado para designar um longo período da trajetória humana, em que as sociedades viveram grandes transformações no seu modo de vida. Ao longo desses milhares de anos, a espécie humana evoluiu e também produziu conhecimentos.

Como você imagina que era a vida das pessoas na Pré-história? Na sua opinião, que tipos de conhecimento o ser humano tinha naqueles tempos?



O surgimento da agricultura na Pré-história

A maior parte do tempo da existência humana foi caracterizada pela vida nômade. O que isso significa? Que até dominarem as técnicas agrícolas, grupos humanos tinham de garantir diariamente sua sobrevivência buscando alimentos disponíveis na natureza. Esses grupos de caçadores e coletores percorriam longas

distâncias em busca de raízes, frutos, sementes, mel, ovos, entre outros alimentos. Além disso, pescavam e caçavam animais selvagens. Para realizar essas atividades, eles desenvolveram técnicas e instrumentos específicos, como lanças, flechas, machados, arpões e anzóis. O trabalho, assim como o alimento, era dividido entre os membros do grupo e todos participavam das tarefas voltadas à sobrevivência.

Há aproximadamente 10 mil anos, contudo, alguns grupos começaram a mudar seu modo de vida. Eles passaram a cultivar plantas e criar animais, o que possibilitou aos seres humanos produzir o próprio alimento. Para isso, fixaram-se em territórios adequados para a agricultura.

Estudos arqueológicos mostram que o uso intensivo da agricultura ocorreu em diferentes regiões do planeta, como no Oriente Próximo (Síria, Palestina, Egito e Mesopotâmia), na Ásia (China e Índia), na América (México e Peru) e na Oceania (Papua-Nova Guiné), como pode ser observado no mapa da página seguinte.

Em decorrência de uma dieta mais nutritiva, houve aumento da população e o surgimento das primeiras aldeias. Foi nesse momento que os humanos organizaram-se em pequenas comunidades. As aldeias mais antigas tinham hortas cultivadas e moradias construídas de pedra ou de barro, em cujo interior havia utensílios de cerâmica e variadas ferramentas de outros materiais. Em seu conjunto, essas transformações, que ocorreram no período Neolítico, compreendem a chamada **Revolução Agrícola**.



VOCÊ SABIA?

Há aproximadamente 2 milhões de anos, teriam surgido na África os primeiros representantes da espécie humana, chamados pelos cientistas de *Homo habilis*. Eles já tinham habilidades para a fabricação de utensílios de pedra e viviam em pequenos grupos de caçadores e coletores, deslocando-se pelo território de origem. Eram, portanto, nômades. Por volta de 1,5 milhão de anos atrás, outra espécie humana se desenvolveu, o *Homo erectus*, e começou a ocupar terras além do continente africano, espalhando-se também pela Europa e Ásia. Nessa época, eles já dominavam o fogo, importante para a segurança, aquecimento e preparo dos alimentos.

Cientistas julgam que o ser humano da espécie atual resultou de um processo lento de transformações genéticas e surgiu há cerca de 200 mil anos, na África. Nômades, os chamados *Homo sapiens* ocuparam diferentes regiões do planeta, adaptando-se às condições existentes em cada uma delas e desenvolvendo ferramentas de pedra, madeira, ossos e fibras vegetais. Em torno de 100 mil anos atrás, a espécie desenvolveu sua capacidade intelectual, revelando manifestações artísticas de crenças religiosas e diversificando suas técnicas de fabricação de instrumentos. Foi denominada *Homo sapiens sapiens*. Atualmente, somos todos dessa mesma espécie humana.



© DeA Picture Library/G. Cigolini/The Granger Collection/Glow Images

Crânio de um *Homo erectus*, encontrado no Quênia.

ATIVIDADE

1 As primeiras cidades

Com base na leitura do texto *O surgimento da agricultura na Pré-história*, quais são as mudanças que o desenvolvimento da agricultura provocou nos modos de vida e nas formas de organização das sociedades humanas a partir de 10 mil anos atrás?



A vida nas primeiras cidades

A agricultura passou a ser praticada em regiões nas quais havia água de rios e terras férteis. Em algumas regiões do planeta, sociedades foram se desenvolvendo nos vales de grandes rios, como do Rio Nilo (no nordeste da África), dos rios Tigre e Eufrates (na região da Mesopotâmia, que fica no Oriente Médio), do Rio Indo (na Índia) e do Rio Amarelo (na China).

Os achados arqueológicos indicam que uma das mais antigas ocupações sedentárias ocorreu na Mesopotâmia (atual Iraque). Nessa região, surgiram as primeiras aldeias isoladas, formadas pelo povo sumério, por volta de 6 mil anos atrás, e que viviam da criação de animais e do cultivo de plantas. As terras eram férteis e, ao longo dos séculos, a produção de alimentos foi crescendo em decorrência do desenvolvimento de novas técnicas agrícolas, como a irrigação, a adubagem, o uso do arado e de carroças à tração animal. Por causa desse aumento da produção agrícola, as comunidades passaram a produzir alimentos além da sua necessidade de consumo imediata. Como resultado, elas construíram locais para estocar esse **excedente** agrícola.



Excedente

O que é produzido além da necessidade imediata de consumo.

O estoque de alimentos (grãos, como trigo, cevada e arroz) possibilitou o início das trocas de produtos (grãos, cerâmica, azeite, ovelhas, queijos, tecidos etc.) e o desenvolvimento do comércio entre aldeias próximas.

Assim, os mercados se tornaram os locais de encontro dos produtores e consumidores. Esses centros comerciais deram origem às cidades e uma parte da população deixou o campo e as atividades agrícolas para morar nos centros urbanos e se dedicar ao comércio e ao artesanato.

Mas não foi apenas na região da Mesopotâmia que as cidades surgiram. No vale do Rio Nilo, onde hoje se localiza o Egito, por exemplo, elas também se expandiram e se destacaram, por suas atividades econômicas bastante variadas e que geravam riquezas. Em ambas as sociedades que se desenvolveram nessas regiões surgiu uma divisão social do trabalho, com trabalhadores especializados, não só voltados para a agricultura e para o comércio, mas também para a circulação de mercadorias, proteção das cidades e administração do excedente agrícola.

Começaram a se formar sociedades com hierarquias, nas quais uns mandavam mais que outros. A diferença entre as pessoas, com riqueza e funções distintas, deu origem a novas relações de poder entre os membros da sociedade. Desse modo, os camponeses produziam os alimentos, os artesãos fabricavam utensílios e os comerciantes compravam e vendiam os produtos dos camponeses e artesãos. E uma **elite** concentrava o poder político, isto é, determinava as regras e leis a serem seguidas por todos e organizava e administrava a produção e a distribuição de alimentos e mercadorias. Faziam parte desse grupo privilegiado os governantes, os **sacerdotes**, os militares e os funcionários públicos.

Nessa época, chamada de Antiguidade (ou Idade Antiga), o governo das primeiras cidades era exercido por um rei. Algumas delas eram independentes em termos políticos, e por isso são chamadas de cidades-estado. Além de concentrar as funções de chefe político, militar e religioso, era o rei quem impunha a coleta de impostos, garantia proteção dos ataques externos e controlava de forma rígida a população da cidade por meio de leis. Datam desse período os primeiros códigos legislativos, como o Código de Hamurabi, um dos mais conhecidos. Imposto à região mesopotâmica por Hamurabi, rei do Império Babilônio, esse código tratava de diversos temas relacionados à vida privada, familiar e profissional, além de estabelecer punições para diversos tipos de delito.



Glossário

Elite

Grupo da sociedade que é minoria e concentra poderes econômico, social, político e cultural nas suas mãos.

Sacerdote

Autoridade religiosa, representante do sagrado e responsável pelos rituais e crenças.

Na região do Rio Nilo, no nordeste do continente africano, por volta de 3100 a.C. também organizou-se um Estado centralizado. Por meio da incorporação de aldeias independentes, formaram-se inicialmente dois reinos, reunidos depois sob um mesmo governo. O rei Menés, do Alto Egito (localizado mais ao sul, na direção das nascentes do Rio Nilo), conquistou o reino do Baixo Egito (no delta do Rio Nilo, no extremo nordeste da África), unificando em um único império todas as comunidades da região.

Menés é considerado o primeiro faraó do Egito. Com ele, iniciou-se um período de quase 3 mil anos de governo centralizado, caracterizado por ser uma monarquia teocrática. A **monarquia** existe quando o governante é um rei. Nesse sistema, geralmente o chefe de Estado recebe o poder herdando-o de sua família, e seu governo é para a vida toda, ou seja, é **vitalício**. Mas na Antiguidade oriental havia uma característica comum à maioria dos governos daquela época. Além de serem monarquias, seus reis eram considerados divindades (como no Egito Antigo) ou representantes dos deuses (como na Mesopotâmia). Assim, eram monarquias teocráticas (do grego *theos* = deus; *kratos* = poder), pois o poder político era confirmado pelo poder religioso.

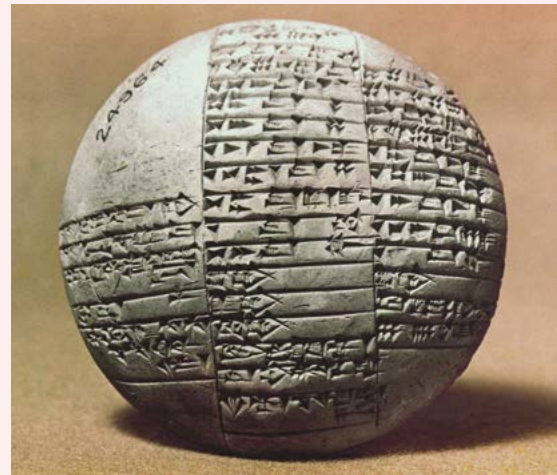


VOCÊ SABIA?

A escrita foi criada pelos sumérios, que habitavam a Mesopotâmia, por volta de 3200 a.C. Tal acontecimento é adotado tradicionalmente como marco inicial da história. Os registros escritos mais antigos foram feitos em tabuletas de argila, em escrita cuneiforme. Os escribas – profissionais que dominavam a escrita – marcavam a argila ainda úmida com uma cunha, espécie de estilete, deixando grafados os sinais. Eram trabalhadores muito valorizados, pois trabalhavam para os reis. Além disso, como a maior parte das pessoas não era alfabetizada, o domínio desse tipo de saber lhes conferia prestígio e privilégios.



Tablete com escrita cuneiforme pictográfica (isto é, com imagens) sobre uma propriedade suméria, c. 3000 a.C.



Tablete circular de argila com escrita cuneiforme suméria, da cidade de Lagash (Mesopotâmia), c. 1980 a.C.

O faraó, como era conhecido o governante no Egito Antigo, administrava a produção do excedente agrícola e cobrava impostos da população. Para isso, seu governo tinha um grande número de funcionários, como os escribas, os cobradores de impostos, os sacerdotes e os militares, que formavam a elite da sociedade egípcia. Abaixo deles estava a maioria da população, os trabalhadores que prestavam serviços variados ao governo, trabalhando em pedreiras, minas, oficinas de artesanato, obras públicas ou nos campos agrícolas. A maior parte desse grupo era de camponeses, responsáveis pela produção de alimentos para o Egito. Havia também escravos, na maioria prisioneiros de guerra, originários dos povos conquistados pelos exércitos do faraó.

As obras públicas do Egito Antigo são muito conhecidas ainda hoje, pois marcaram a história das antigas civilizações, seja pelo tamanho, pelo significado ou pelas técnicas utilizadas. As famosas pirâmides de Gizé, as tumbas dos faraós, a esfinge, os obeliscos e os templos dos deuses egípcios são registros da organização social e do trabalho naquela época.



Camponeses cultivando as terras férteis, às margens do Rio Nilo. Ao fundo da imagem, as três grandes pirâmides de Miquerinos, Quéfren e Quéops, no planalto de Gizé, nos arredores de Cairo (Egito).

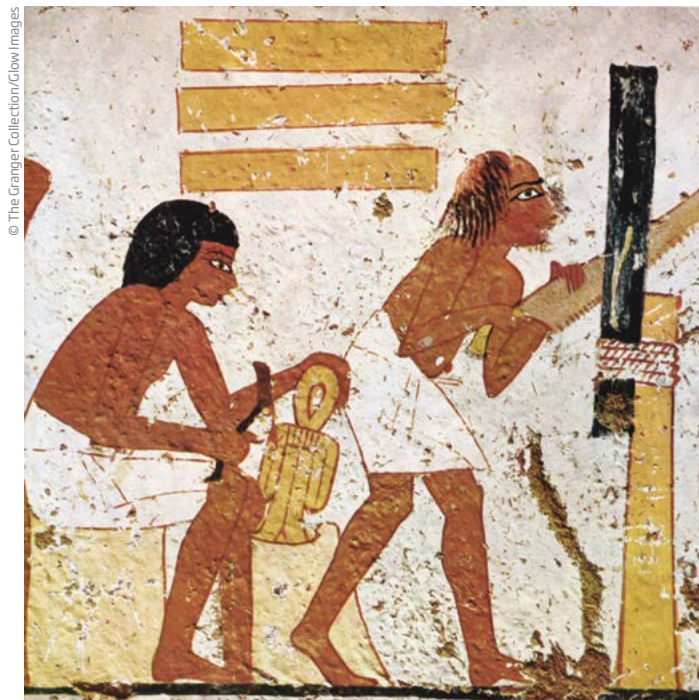
ATIVIDADE 2 Trabalhadores do Egito Antigo

As imagens a seguir são de pinturas em templos do Egito Antigo e representam aspectos do cotidiano daquela sociedade.

Observe nas imagens os trabalhos realizados e os grupos sociais envolvidos na produção econômica egípcia. Preste atenção aos detalhes, como personagens, atitudes, objetos, roupas, local.



Representação de camponeses em diferentes etapas do trabalho agrícola. [Mural pintado em tumba do templo de Luxor, em Tebas (Egito), c. 1550-1295 a.C.]



Carpinteiros durante suas atividades. [Detalhe de mural de tumba egípcia, em Tebas (Egito), c. 1350-1300 a.C.]

Registre suas observações, levando em conta o que você leu no texto *A vida nas primeiras cidades*.



A origem do homem americano

A origem do ser humano aconteceu na África. Os vestígios de ossadas humanas (**fósseis**) indicam que lá foi o início de nossa caminhada para o resto do mundo. Ao longo de milhares de anos, os grupos humanos se deslocaram e povoaram outras regiões, inclusive outros continentes. Esse foi um processo bastante demorado. Com exceção da Antártica, o continente americano foi o último a ser povoado.

O mapa a seguir apresenta as possíveis rotas de migração dos grupos humanos. A partir da África, os seres humanos foram povoando a Ásia, a Europa, a Oceania e, por último, a América.

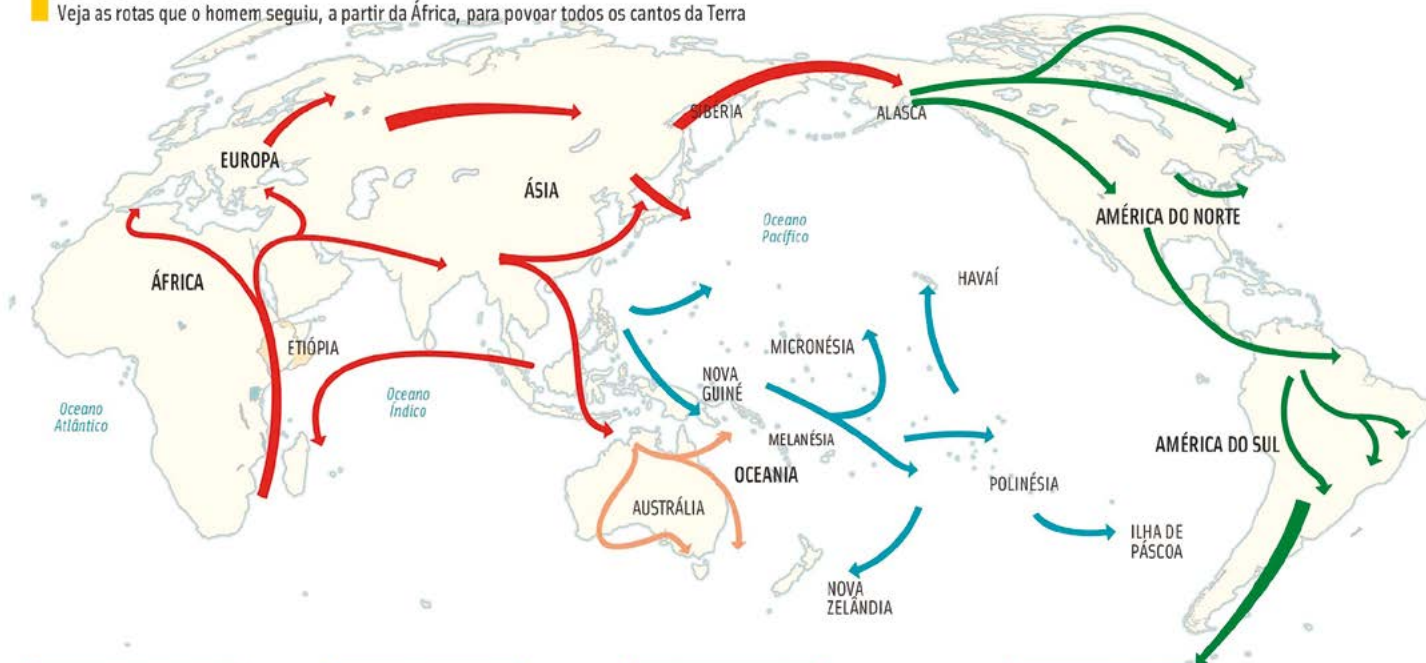


Fóssil

Resto ou molde petrificado dos seres vivos que habitaram a Terra em épocas remotas, formado pela acumulação de sedimentos.

A POSSE DO GLOBO

Veja as rotas que o homem seguiu, a partir da África, para povoar todos os cantos da Terra



EUROPA E ÁSIA

Há 1,8 milhão de anos, o *Homo erectus* foi o primeiro homínido a deixar a África, indo rumo à Europa e ao leste da Ásia

AUSTRÁLIA

O *Homo sapiens* chegou à Austrália há cerca de 50 mil anos, cruzando pontes terrestres que a ligavam ao Sudeste Asiático e usando balsas

ILHAS DO PACÍFICO

A partir da Nova Guiné, o homem chegou às ilhas mais próximas há cerca de 32 mil anos. As mais distantes permaneceram desabitadas até 2 mil anos atrás

POVOAMENTO DAS AMÉRICAS

Segundo a hipótese mais tradicional, o homem chegou à América 12 mil anos atrás, tendo atravessado a Beringia, que ligava a Sibéria ao Alasca

SURGIU o homem, E. *Guia do Estudante História: Vestibular + Enem 2015*, abr. 2014, p. 19. Mapa original.

Então, qual será a origem do homem americano? De onde vieram os antepassados dos primeiros habitantes da América? Quais rotas percorreram e quando chegaram por aqui?

Existem algumas **hipóteses** sobre o povoamento do continente americano. As duas mais aceitas entre os cientistas indicam que a América recebeu grupos humanos que migravam de outras regiões do planeta.

A primeira delas indica um caminho percorrido por terra, entre as regiões da Sibéria, na Ásia, e do Alasca, na América do Norte, pelo Estreito de Bering (rota em vermelho no mapa da página anterior). Grupos nômades, de caçadores e coletores, teriam cruzado essa região do extremo norte, que na época se encontrava seca ou congelada e funcionava como “ponte” natural entre os dois continentes.

A segunda hipótese indica uma rota de navegação pelas ilhas da Polinésia, no Oceano Pacífico (rota azul do mapa da página anterior). Navegadores, em pequenas canoas, teriam percorrido longas distâncias por mar até chegar à América do Sul.

Essas ondas migratórias, nas quais pessoas se deslocavam de uma região para outra, teriam ocorrido entre 50 mil e 12 mil anos atrás. Esse assunto ainda é motivo de muitos debates acadêmicos e os pesquisadores não chegaram a um consenso, isto é, a uma concordância de ideias. Novas descobertas arqueológicas podem ajudar a formular outras teorias ou comprovar as hipóteses já discutidas.



Hipótese

Suposições que são feitas sobre algo comprovado ou não; possibilidade de algo ser ou ter acontecido de determinada maneira.



VOCÊ SABIA?

A periodização tradicional divide a trajetória humana em História e Pré-história. Porém, esses períodos reúnem características típicas dos continentes europeu, asiático e africano, pois foram baseados nos achados arqueológicos dessas regiões. Portanto, indicam acontecimentos específicos da história dos povos daqueles continentes.

Para a chamada “Pré-história” brasileira, não são usados os mesmos marcadores de tempo, pois os vestígios de nossos povos remetem a outras épocas, com características específicas.

Como o continente americano foi povoado bem depois dos outros continentes, conforme pôde ser visto no mapa, a história humana começou mais recentemente na América. Assim, é preciso organizar os períodos da história americana com base em outras características.

Os períodos usados pela maioria dos pesquisadores brasileiros são: Paleoíndio (das primeiras ocupações até 10 mil anos atrás); o Arcaico (de 10 mil anos até o presente) e o Formativo (quando há presença de agricultura ou indicação de sedentarização).

Fonte: NEVES, Eduardo G. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy L. da; GRUPIONI, Luís Donisete B. (Orgs.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/Mari/Unesco, 1995. p. 176-177. Disponível em: <http://www.pineb.ffch.ufba.br/downloads/1244392794A_Tematica_Indigena_na_Escola_Aracy.pdf>. Acesso em: 9 set. 2014.

Mas se o surgimento da espécie humana ocorreu por volta de 2 milhões de anos atrás, quando será que os primeiros grupos humanos chegaram aqui, na atual região do Brasil? Quais vestígios arqueológicos comprovam essa ocupação?

De acordo com as hipóteses já apresentadas, a ocupação da América do Sul e do Brasil iniciou-se aproximadamente 12 mil anos atrás. Em 1975, em Lagoa Santa (MG), foi encontrado o crânio de uma mulher que teria vivido há cerca de 11.500 anos. Esse fóssil, apelidado de Luzia, foi analisado e indicou características africanas subsaarianas (da região ao sul do deserto do Saara, na África) ou australomelanésias (da região da Austrália e da Polinésia), indicando ter existido um grupo humano que migrou para a América por uma rota marítima (rota azul do mapa anterior).

A maioria dos fósseis de antepassados indígenas encontrados na América tem características **ameríndias** ou asiáticas. Consequentemente, a existência de vestígios fósseis com características distintas indica que o povoamento pode não ter ocorrido de maneira uniforme, mas talvez tenha envolvido grupos migratórios de diversas origens, em épocas diferentes.



Ameríndio

O que é americano;
nativo da América.

Há também outra polêmica sobre a época em que os seres humanos começaram a ocupar o território que hoje é o Brasil. No Nordeste, na região do município de São Raimundo Nonato (PI), há centenas de sítios arqueológicos com pinturas rupestres datadas de mais de 20 mil anos, segundo a arqueóloga Niède Guidon. Para ela, a ocupação do que seria o Nordeste brasileiro começou há mais de 50 mil anos, muito antes do que os pesquisadores imaginavam.

No Brasil, um dos locais privilegiados para as pesquisas arqueológicas sobre o passado da ocupação humana é o Parque Nacional Serra da Capivara (PI). A região, formada por uma paisagem semiárida de vales e planícies, abriga alguns dos sítios arqueológicos mais importantes do País, onde se concentram inúmeras cavernas que abrigam pinturas rupestres e artefatos materiais deixados por pessoas que ali viveram há milhares de anos.

ATIVIDADE 3 Vestígios arqueológicos brasileiros

Observe as imagens a seguir, com vestígios arqueológicos de antigos povos que habitavam o território brasileiro.



Pintura rupestre em paredão rochoso, feita há mais de 10 mil anos, representando uma cena de caçada. Parque Nacional Serra da Capivara, São Raimundo Nonato (PI).



Pontas de projétil em sílex. Procedência desconhecida. Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo (SP).

1 Analise as imagens e descreva o que cada uma delas pode indicar sobre essas populações. Preste atenção aos personagens e suas ações e aos objetos e suas funções, seus formatos e materiais utilizados.

2 Com base nas informações que esses documentos apresentam e no que você já estudou até aqui, o modo de vida dessas sociedades seria nômade ou sedentário? Justifique sua hipótese considerando a atividade representada na primeira imagem e a função do objeto da segunda imagem.



PARA SABER MAIS



Povos indígenas do Brasil

Há aproximadamente 500 anos, quando os colonizadores portugueses começaram a chegar ao território que seria chamado Brasil, viviam aqui mais de mil povos, ou, segundo estimativas, cerca de 2 milhões a 4 milhões de indígenas, ocupando regiões que iam do litoral ao interior da Amazônia. Esses povos tinham culturas muito diferentes entre si, e um exemplo disso era a presença de mais de mil línguas entre eles naquela época. Mas é importante ressaltar que esses números não são precisos. Os pesquisadores do presente partem de pesquisas para medir a densidade populacional da época e chegar a um número aproximado.

Atualmente, os **censos demográficos** indicam que a população indígena é de 890 mil pessoas, pertencentes a 241 **etnias** e que falam 150 línguas indígenas. Há também outras especificidades culturais entre os povos indígenas, como tipos de habitação, arte **plumária** e pinturas corporais, rituais de sepultamento, mitos, festas, músicas e tradições (cf. Instituto Socioambiental. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenas>>. Acesso em: 12 ago. 2014).

Mas essa diversidade cultural possui algumas características comuns. Por exemplo, entre os povos indígenas não existiam classes sociais, pois não havia diferenças econômicas entre os membros de uma comunidade, a propriedade da terra e dos instrumentos de trabalho era coletiva e a produção de alimentos era voltada para a subsistência do grupo. Havia a divisão sexual do trabalho, que definia as tarefas de homem e as de mulher, bem como a divisão entre crianças, jovens, adultos e idosos. Todos colaboravam e todos tinham acesso ao que era produzido.

Aos homens cabiam tarefas como caçar, arar a terra, construir as moradias, guerrear e fabricar os instrumentos de trabalho. Às mulheres estavam destinadas tarefas como cuidar das crianças, preparar os alimentos, fazer a colheita e alguns artesanatos. Os idosos participavam com atividades menos cansativas e as crianças aprendiam com os pais as habilidades necessárias à vida adulta.



Glossário

Censo demográfico

Contagem da população, do número de habitantes.

Etnia

Grupo social diferenciado de outros, por laços de cultura, religião, língua, comportamento etc., e que compartilha origem e história comuns.

Plumário

Feito com penas de aves.

**MOMENTO
CIDADANIA**

Desde 2008, o currículo oficial da rede de ensino brasileira tem como obrigatória a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Naquele ano, a Lei federal nº 11.645/08, que alterou leis anteriores (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003), estabeleceu que as diretrizes e bases da educação nacional devem incluir o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio.

Mas o que isso significa? A legislação busca garantir a diversidade de abordagens nos estudos sobre o nosso país. Por isso, defende que sejam estudados aspectos da história e da cultura desses dois grupos étnicos, além dos europeus, construindo assim uma visão mais ampla sobre a sociedade e a identidade brasileira. A história do Brasil deve ser contada incluindo as contribuições dos negros e dos indígenas nas áreas cultural, social, econômica e política.



Você conhece alguma comunidade que produz somente o necessário e que não se baseia na propriedade privada da terra e dos meios de produção? Já pensou se todos trabalhassem para as necessidades coletivas? E se toda a produção fosse compartilhada entre os membros da comunidade, como seria essa sociedade?

ATIVIDADE 4 Antigas ocupações na Amazônia

Leia o texto a seguir e grife as informações sobre a ocupação humana na região amazônica brasileira. Elas indicam ocupações humanas muito antigas. Veja quais conhecimentos já eram desenvolvidos e como provavelmente viviam os habitantes desses locais.

UOL Notícias

05/01/2005

Amazônia teve nação pré-colombiana, diz estudo

Marion Lloyd

[...] [Uma] equipe de arqueólogos americanos e brasileiros, que chama a si mesmo de Projeto Amazônia Central, escavou mais de 60 sítios ricos em terra



DESAFIO

- 1** Sobre o surgimento da agricultura – e seu uso intensivo pelo homem – pode-se afirmar que:
- foi posterior, no tempo, ao aparecimento do Estado e da escrita.
 - ocorreu no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia) e daí se difundiu para a Ásia (Índia e China), Europa e, a partir desta, para a América.
 - como tantas outras invenções, teve origem na China, donde se difundiu até atingir a Europa e, por último, a América.
 - ocorreu, em tempos diferentes, no Oriente Próximo (Egito e Mesopotâmia), na Ásia (Índia e China) e na América (México e Peru).
 - de todas as invenções fundamentais, como a criação de animais, a metalurgia e o comércio, foi a que menos contribuiu para o ulterior progresso material do homem.

Fuvest 1994. Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest1994/provas/P1F94_12.stm>. Acesso em: 9 set. 2014.

2



Pintura rupestre da Toca do Pajau - Pl. Internet: <www.betocelli.com>.

A pintura rupestre acima, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa

- o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
- a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada pré-história do Brasil.
- os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
- a constante guerra entre diferentes grupos paleoíndios da América durante o período colonial.

Enem 2007. Prova amarela. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2007/2007_amarela.pdf>. Acesso em: 9 set. 2014. / Imagem: © Claus Meyer/Tyba

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - As primeiras cidades

Com base na leitura do texto, você pôde identificar que a agricultura possibilitou aos seres humanos a produção do seu próprio alimento. Isso fez com que os grupos humanos não precisassem mais se deslocar em busca de alimentos e pudessem se fixar numa região. Além disso, a produção agrícola possibilitou o desenvolvimento de uma dieta mais nutritiva, que permitiu o crescimento populacional e o desenvolvimento das primeiras aldeias.

Atividade 2 - Trabalhadores do Egito Antigo

A partir das representações, você viu, na primeira imagem, os camponeses trabalhando nos campos de cultivo, plantando e colhendo. Na segunda imagem, artesãos, no caso carpinteiros, serram madeira e esculpem um objeto com o uso de ferramenta. A sociedade egípcia era estratificada e havia especialização do trabalho em profissões específicas, como camponeses, funcionários dos faraós, escribas, comerciantes e carpinteiros. Essa divisão do trabalho estava associada ao processo de sedentarização e urbanização ocorrido no vale do Rio Nilo.

Atividade 3 - Vestígios arqueológicos brasileiros

1 Você observou duas fontes históricas. A primeira é uma pintura rupestre que retrata o cotidiano da caça; a segunda são pontas de flechas, feitas em pedra lascada, que eram usadas na caça de animais.

2 Com base em documentos como esses, pesquisadores puderam conhecer aspectos do passado brasileiro, em especial das populações que viviam nesse território há milhares de anos, período anterior ao da chegada dos colonizadores, que ocorreu aproximadamente 500 anos atrás. Em diferentes partes do que viria a ser o Brasil, grupos indígenas nômades viviam da caça de animais, confeccionavam pontas de flecha em pedra lascada e registravam sua história com desenhos nas paredes rochosas de grutas e cavernas.

Atividade 4 - Antigas ocupações na Amazônia

Você viu que as descobertas arqueológicas na região amazônica indicam a ocupação de algumas áreas por povos sedentários, que praticavam a agricultura, produziam cerâmica, provavelmente faziam comércio com outros povos, construíam cidades e, ao que parece, tinham uma sociedade com uma grande população, já que as construções teriam necessitado de muitos trabalhadores envolvidos.

Desafio

1 Alternativa correta: **d**. Para chegar a essa resposta, você poderia retomar o texto *O surgimento da agricultura na pré-História* e o mapa *O período Neolítico: domesticação de plantas e animais*, que mostram como a agricultura se desenvolveu em distintas regiões do mundo, lembrando que os vales de rios importantes, como o Nilo, o Eufrates, o Indo e o Amarelo, foram os locais nos quais houve os primeiros movimentos nesse sentido. Assim, o desenvolvimento das técnicas agrícolas não aconteceu de maneira simultânea em todas as regiões do planeta. Ao longo de alguns séculos, regiões de terras férteis e rios foram sendo ocupadas por grupos humanos, que se sedentarizaram e deram início às aldeias.

2 Alternativa correta: **c**. Para ter escolhido essa alternativa, você poderia lembrar que as pinturas rupestres representam situações do cotidiano dos antigos povos, como cenas de caça, agricultura, danças e guerras. Elas são um patrimônio cultural, pois expressam um modo de viver de nossos antepassados.

TEMAS

1. Grécia Antiga: Atenas e Esparta, cidades da Antiguidade em guerra
2. Roma: um imenso império na Antiguidade

Introdução

Na Unidade anterior, você entrou em contato com a história das primeiras cidades da Antiguidade oriental e refletiu sobre as diferentes maneiras como a vida social se organizou nesse período. Você estudou as cidades do Egito e da Mesopotâmia, nas quais havia uma clara separação entre governantes e governados e onde a religião contribuía para o poder dos governantes e na organização do Estado.

Entre os séculos XI e X a.C., começaram a se formar novas cidades na região em que se localiza atualmente a Grécia, às margens do Mar Mediterrâneo e do Mar Egeu. Muito pouco se sabe sobre os primeiros séculos de desenvolvimento dessas cidades. No entanto, no século VI a.C., duas delas começaram a se destacar: Atenas e Esparta. Em comum, elas compartilhavam a língua falada por seus habitantes, o grego, e uma rica vida cultural.

Esparta ficou conhecida por sua força e disciplina militar, enquanto Atenas foi o berço da democracia. No entanto, é preciso compreender o que era essa democracia ateniense e no que se diferenciava do que se chama de democracia nas sociedades atuais.

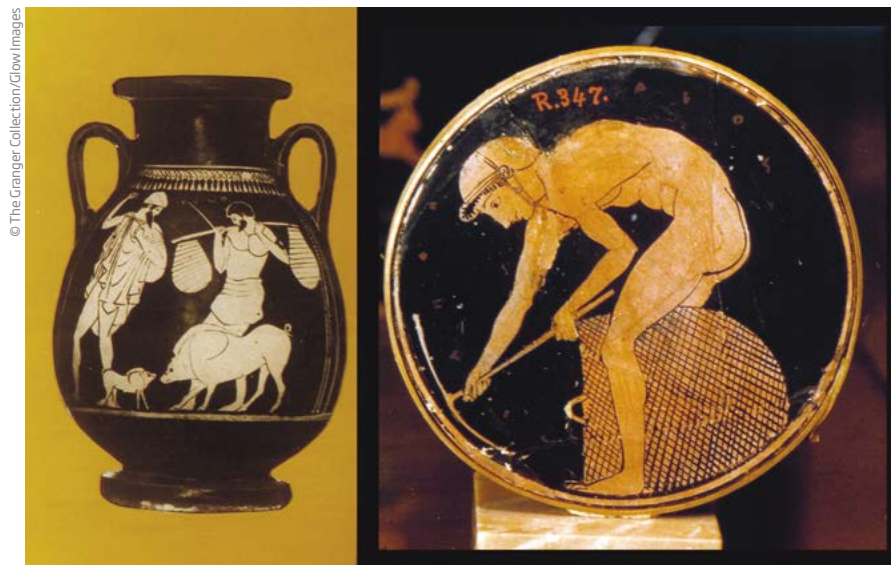
Roma também se transformou em uma grande cidade e, depois, em um poderoso império da Antiguidade Clássica. Palco de inúmeros conflitos sociais e políticos, Roma reuniu um grande poder militar que conquistou territórios na Ásia, na África e em muitos lugares da Europa. Estrangeiros foram viver em Roma, fosse como escravos ou homens livres em busca de oportunidades, de riquezas e da vida cultural oferecida pela cidade. Foi em Roma que nasceu boa parte da maneira de se fazer política, justiça e cultura usada até hoje entre as sociedades ocidentais.

Estudar essas sociedades significa reunir elementos para compreender e refletir também sobre a maneira como as sociedades atuais estão organizadas no presente.

No século VI a.C., Atenas e Esparta eram grandes cidades da Antiguidade Clássica. Seus domínios se expandiam por muitas regiões, cujas riquezas almejavam e, portanto, disputavam entre si. Os habitantes das cidades dominadas, transformadas em colônias espartanas ou atenienses, poderiam ser transformados em escravos e ter suas riquezas pilhadas. Estudar as características dessas cidades da Grécia Antiga é o objetivo deste tema.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Na cidade grega de Atenas, qualquer trabalho poderia ser realizado pelos escravos, ou seja, não havia funções específicas destinadas a eles. O que os fazia estar em tal condição era o fato de serem propriedade de alguém e não trabalharem para si mesmos, mas para outrem. As imagens a seguir são representações de escravos trabalhando em Atenas.



Peças de cerâmica do século V a.C. com representações de trabalho escravo na Grécia Antiga. Na imagem da direita, nota-se um escravo trabalhando em uma mina.

Registre, nas linhas a seguir, como você imagina que era a escravidão na Grécia Antiga. Será que existem diferenças em relação à escravidão que se estabeleceu no Brasil a partir do século XVI?



Atenas e a democracia

Inicialmente, deve-se considerar que as cidades gregas como Atenas, Esparta, Olímpia, Delfos, Corinto, Éfeso e Mileto, entre muitas outras, eram cidades-estado. Elas eram chamadas de **pólis** pelos gregos.

Cada pólis funcionava como um Estado independente, organizado segundo suas próprias leis, moedas e divindades que protegiam a cidade. No mesmo território viviam a comunidade dos cidadãos e também aqueles que não eram cidadãos, como era o caso de escravos e estrangeiros, que não gozavam de direitos políticos.

A pólis teve sua origem demarcada entre fins do século IX a.C. e início do século VIII a.C. O território da pólis era muito mais extenso do que o espaço da cidade. Assim, Atenas e Esparta possuíam um território do qual sua população tirava seus meios de subsistência. Porém, a comunidade política, na qual as decisões políticas eram tomadas pelos cidadãos, limitava-se ao espaço urbano.

Para ser cidadão e poder participar não bastava nascer ou viver no território de Atenas e Esparta. Apenas aqueles considerados descendentes dos fundadores da pólis é que tinham direito à cidadania e podiam participar das decisões políticas.

Atenas

Entre os séculos IX e VI a.C., Atenas foi dominada por governos aristocráticos, ou seja, uma elite política e econômica que controlava o poder. No início, Atenas era governada por um rei. A partir do século VII a.C., foi criado um grupo de conselheiros chamados arcontes que exerceriam o papel de governantes. Eles eram ricos proprietários de terras que representavam as famílias aristocráticas. Elas formavam a camada mais alta da sociedade ateniense e eram conhecidas como



VOCÊ SABIA?

Para Aristóteles, um dos maiores pensadores da Grécia Antiga, que viveu entre 384 a.C. e 322 a.C., a escravidão era própria da natureza, que criava alguns homens para serem livres e outros para serem escravos. Via que para estes últimos a obediência a um senhor teria um sentido positivo. Para Aristóteles, o homem é um animal político e somente aqueles que exercem a política atingem a plenitude humana. Como os escravos não tinham o direito à cidadania, estavam reduzidos ao estado de coisa, de instrumento de produção. Conforme Aristóteles, no texto *A política*: “Aquele que a si mesmo não se pertence, porém pertence a outro, e, contudo, é um homem, esse é naturalmente escravo. Ora se um homem é de outro, é algo possuído, ainda que seja homem. E uma coisa possuída é um instrumento de uso, separado do corpo a que pertence”.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Hemus, 2005, p. 14-15.

eupátridas, o pequeno grupo que dominava a maior parte das terras e concentrava riqueza e poder em suas mãos.

Ainda no século VII a.C., a vida política de cidades como Atenas começou a se transformar com o surgimento dos governos dos tiranos. Eles tinham origem aristocrática também, mas adotaram medidas que favoreceram os grupos mais pobres, como a diminuição da concentração de riqueza nas mãos da aristocracia. Para ganhar maior legitimidade política, os tiranos poderiam tomar medidas populares, como a partilha de terras.

No século VI a.C., outras reformas contribuíram para transformar a organização da vida política em Atenas. Uma das mais importantes foi liderada por Sólon, a partir de 594 a.C. Como legislador, ele propôs a ampliação dos poderes da Eclésia, a assembleia popular de cidadãos atenienses. Sua proposta procurava reduzir os constantes conflitos entre os eupátridas e os demais cidadãos atenienses. Sólon aboliu a escravidão por dívidas e limitou a extensão das propriedades agrárias, impedindo assim o exagerado enriquecimento dos eupátridas e o empobrecimento cada vez maior dos atenienses que entregavam suas terras para pagar dívidas.

Com isso, abria-se caminho para uma nova forma de organização política em Atenas, na qual um número muito maior de atenienses poderia interferir nas decisões públicas por meio da participação nas assembleias populares, que discutiriam os grandes temas da vida econômica e política da cidade: era a **democracia**.

As mudanças feitas pelo legislador Sólon abriram ainda mais espaço para novos ataques aos grupos mais conservadores da aristocracia, constituída por grandes proprietários de terras. Os tiranos conseguiram firmar-se no poder, permanecendo à frente do governo de Atenas até 527 a.C.

O tirano Pisístrato defendeu a ampliação dos direitos das famílias camponesas. Procurou aprofundar as reformas propostas por Sólon e concedeu terras aos camponeses, isentando-os também do pagamento de impostos. Com sua morte, seu filho Hípias assumiu o poder e governou até 510 a.C. Nesse ano, Clístenes, que era um arconte (isto é, representante da aristocracia), derrotou Hípias e promoveu as reformas que por fim estabeleceram a democracia.

Em suma, ocorreu, ao longo do tempo, a ampliação do conceito de cidadão e, portanto, da atuação dos atenienses na vida política da cidade-estado. Com Sólon, em 594 a.C., houve uma **organização censitária** da sociedade,



Organização censitária

Divisão da sociedade de acordo com níveis de riqueza.

e a cidadania, portanto, deixou de ser definida pelo pertencimento à aristocracia. Com Clístenes, em 509 a.C., a participação dos cidadãos tornou-se independente do critério de renda.

A democracia ganhou ainda mais força no governo de Péricles. Em 451 a.C., ele definiu que os cidadãos atenienses com direito à participação na vida política seriam todos os homens com mais de 18 anos, filhos de pai e mãe atenienses.

A Eclésia, assembleia de cidadãos, reunia-se duas vezes por ano na ágora (praça pública) para discutir e tomar decisões sobre as questões fundamentais da cidade.

Na democracia ateniense, além da Eclésia, havia a Bulé, também chamada de Conselho dos 500. Ela era composta por 500 cidadãos atenienses de cada uma das 50 tribos em que a cidade estava dividida, levando em conta o litoral e o interior.

O quadro a seguir apresenta os grupos sociais que viviam em Atenas nesse período, conhecido como Clássico.

Os grupos sociais de Atenas		
Grupo social	Características	Participação política
Cidadãos	Homens com mais de 18 anos filhos de pai e mãe atenienses. Os cidadãos poderiam ser proprietários de terras, da qual obtinham riquezas por meio do trabalho escravo. Havia cidadãos que eram artesãos ou proprietários de pequenos lotes de terras.	Tinham direito de voto na Eclésia.
Escravos	Estrangeiros prisioneiros de guerra que exerciam várias funções, como a agricultura e a organização da vida doméstica, e também assumiam tarefas especializadas relacionadas à produção artesanal, ao comércio ou a atividades intelectuais.	Não tinham direitos políticos.
Metecos	Estrangeiros livres que exerciam diferentes atividades na cidade. Deviam cumprir obrigações militares e pagar impostos como os cidadãos, mas não tinham direitos políticos nem acesso à propriedade de terras. Como estrangeiros, também tinham de pagar uma taxa anual para permanecer na cidade. Entre os metecos havia negociantes, intelectuais, artesãos, enfim, era um grupo bastante heterogêneo.	Não tinham direitos políticos.



Pode-se observar, no alto da imagem, as ruínas do Partenon, templo construído no século V a.C., em homenagem à deusa Atena. A parte alta da cidade era chamada de Acrópole. Lá ocorriam as assembleias políticas e havia estádios, ginásios e outros templos.

Os gregos eram politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses. Na parte alta de Atenas, localizava-se a Acrópole, o santuário religioso da cidade, onde ficava um grande monumento de mármore, o Partenon, em homenagem à deusa Atena, que deu nome à cidade e era considerada sua protetora.

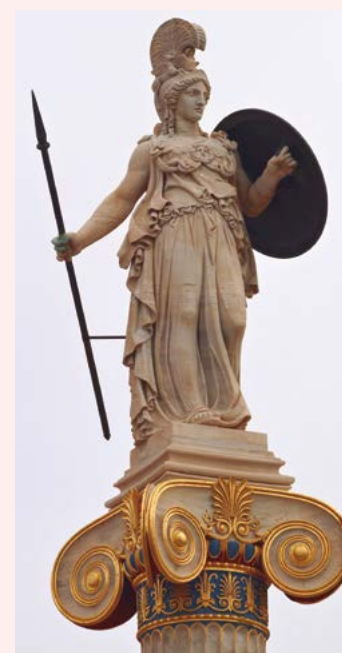
A riqueza da cidade de Atenas começou a se constituir ainda no século VIII a.C., quando ela já tinha começado o processo de conquista de outras cidades, fundando colônias. Essas colônias, além de serem dominadas pelo governo ateniense, tinham de pagar impostos, ceder navios para a guerra e enviar



VOCÊ SABIA?

Segundo a mitologia grega, Atena era a deusa da guerra estratégica, da sabedoria e da justiça, sendo considerada a grande protetora da cidade de Atenas. Ela era um dos doze deuses gregos que viviam no Monte Olimpo e era filha de Zeus, o deus dos deuses. Na obra em versos *Odisseia*, de Homero, Atena era a protetora do herói Odisseu.

Estátua de Atena, inspirada na estética da Grécia Antiga. Obra localizada na Academia de Atenas, em Atenas (Grécia).



escravos para os atenienses. Essas cidades também eram obrigadas a fornecer produtos que poderiam faltar em Atenas em determinados períodos, como o trigo, e seus habitantes ainda eram obrigados a outras imposições, tais como usar o grego como língua e cultuar os deuses atenienses.

Durante o governo de Péricles (461-429 a.C.), Atenas viveu o auge da sua democracia. Foi também o período de maior expansão territorial, o que garantiu recursos para, por exemplo, construir vários templos, entre os quais o Partenon.



ASSISTA!

História – Volume 1

Escravidão na Antiguidade

Esse vídeo ajuda você a entender a escravidão na Antiguidade Clássica, na Grécia e Roma antigas. Uma sequência de imagens, filmes e entrevistas com especialistas mostra como a escravidão funcionava nas cidades-estado de Atenas e Esparta. Em ambas, os prisioneiros de guerra eram comprados para desempenhar diferentes funções que, em geral, não eram feitas por aqueles que tinham status de cidadania. O vídeo, além de comparar os dois casos gregos, apresenta também a especificidade da escravidão no Império Romano. Naquele contexto, os escravos podiam ser prisioneiros capturados nas conquistas territoriais, ou mesmo plebeus endividados que eram escravizados durante um tempo, até saldarem suas dívidas. Ao final, o vídeo debate a força e a longevidade do sistema escravocrata romano e o que isso representou para a manutenção do maior império da Antiguidade.

ATIVIDADE 1 A pólis para os gregos

As questões a seguir fazem referência à organização política das cidades-estado da Grécia Antiga, propondo também uma comparação com o mundo atual. Para respondê-las, retome o texto lido anteriormente sobre os gregos, *Atenas e a democracia*, e releia as informações relacionadas à pólis e às cidades-estado. Sublinhe o que considerar mais importante. Em seguida, responda ao que se pede.

1 O que era a pólis na Grécia Antiga?

2 Que diferenças você consegue perceber entre a antiga organização política ateniense e a atual organização política brasileira?

**MOMENTO
CIDADANIA** 

O Brasil atual é um país que vive sob o regime democrático, mas, ao contrário do que ocorria na Grécia Antiga, não há democracia direta, e sim uma democracia representativa. Nesse sistema, os cidadãos votam em representantes que tomam decisões políticas em nome dos que o elegeram. Na sociedade brasileira atual, deputados e senadores são eleitos pelo voto popular para representar o conjunto da população. Já em Atenas, na Antiguidade, os cidadãos não elegiam representantes, mas participavam diretamente das decisões políticas da cidade. Eles reuniam-se na assembleia para discutir e deliberar sobre os problemas da cidade.

Nas sociedades atuais, é necessário considerar que a cidadania não deve se limitar a eleger seus representantes. Os cidadãos devem também lutar pela defesa de seus direitos, e para isso podem usar diversos caminhos, que vão desde a luta na justiça até a participação em movimentos de protesto em defesa de um direito.

ATIVIDADE **2** **A escravidão na Grécia Antiga**

Leia o texto a seguir sobre a escravidão em Atenas e, retomando também o que você estudou, responda às questões.

No fim do século V e ao longo do IV [a.C.], período da história ateniense mais documentado, os escravos estão por toda parte, tanto nos campos dos agricultores postos em cena pelo poeta Aristófanes em suas comédias quanto nas minas ou oficinas, como a que possuía o meteco Céfalos [...]. Essas oficinas (respectivamente, de

fabricação de escudos e de fabricação de camas e artigos de cutelaria) estavam entre as maiores que nos são dadas a conhecer pelas fontes disponíveis: Céfalos teria pelo menos cento e vinte escravos, e o pai de Demóstenes cerca de cinquenta. Não era, porém, necessário ser um grande proprietário rural ou um rico artesão para possuir escravos. Nas pequenas lojas em torno da ágora [praça onde as pessoas se reuniam para fins políticos, comerciais e religiosos], nas olarias e nas oficinas do Pireu [porto perto de Atenas] os escravos também estavam presentes. [...] Pode-se admitir que na época do maior desenvolvimento de Atenas seu número chegava perto de cem mil, em um tempo em que a população era de aproximadamente trinta e cinco mil cidadãos e dez a quinze mil metecos.

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da civilização grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 117-118.

1 Conforme o texto, que atividades o escravo poderia exercer em Atenas?

2 Com base nos números de escravos citados no texto de Claude Mossé, é correto considerar que os escravos eram os trabalhadores que estavam na base da vida econômica e social de Atenas? Por que os escravos eram trabalhadores tão importantes na vida ateniense?

A disciplina militar de Esparta

Diferentemente do que ocorreu em Atenas, em Esparta não se adotou a democracia. Nela, predominaram os governos aristocráticos, sendo a disciplina militar uma das mais importantes preocupações da elite política espartana.

Esparta foi fundada no século IX a.C. pelos dórios, povo com grande força militar que ocupou a região e ficou conhecido pela sua agressividade em combate. Os povos conquistados pelos dórios foram transformados em escravos, denominados de hilotas. Os hilotas eram propriedade do Estado e exerciam funções diversas, desde o trabalho na agricultura até a realização de tarefas relacionadas à vida doméstica e à produção artesanal.

No outro extremo da divisão social estavam os esparciatas, cidadãos que recebiam terras do Estado a ser cultivadas pelos hilotas e detinham os direitos políticos. Esparta era governada, de maneira bastante centralizada, pela Gerúsia, composta por 28 membros com mais de 60 anos.

A organização do Estado espartano estava voltada à preparação para a guerra e o respeito à hierarquia. Em Esparta, assim como em outras cidades-estado, havia os hoplitas, soldados fortemente armados que se organizavam nos combates em fileiras maciças, dificultando a ação das tropas inimigas. Os militares espartanos deveriam servir ao Estado ao longo de toda a vida.

Essa intensa militarização permitiu que Esparta expandisse suas fronteiras ainda no século VIII a.C., quando conquistou várias cidades da região do Peloponeso. Parte dos habitantes dos locais conquistados era transformada em periecos, categoria social que não se tornaria hilita, mas deveria prestar serviços militares, além de dedicar-se ao comércio e ao artesanato.



Soldado hoplita, segurando um escudo e uma lança. [490 a. C. Museu Nacional de Arqueologia, Atenas, Grécia.]

As disputas entre Atenas e Esparta resultaram em vários conflitos entre essas duas cidades-estado. A partir do século V a.C., com a grande expansão territorial ateniense, a rivalidade entre as duas cidades se ampliou. O fortalecimento da pólis rival era visto pelos espartanos como uma ameaça. Essa tensão culminou na Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.).

Para ampliar sua força militar, os espartanos criaram a Liga do Peloponeso, que reunia as cidades aliadas a Esparta. Atenas, por sua vez, na luta contra os invasores persas, já havia criado a Liga de Delos, que reunia as cidades a ela aliadas. Essas duas grandes forças militares se enfrentaram mais de uma vez no século V a.C., mas a partir de 431 a.C. iniciou-se um longo processo de guerra em que cada lado tentava dominar cidades aliadas dos inimigos e ampliar seus próprios domínios, enfraquecendo o poderio do rival. A guerra se estendeu até 404 a.C., quando os atenienses foram obrigados a reconhecer a superioridade espartana e a baixar as armas.

Nos anos que se seguiram, Atenas, Esparta e outras pólis gregas estavam enfraquecidas em função desses conflitos e tiveram de enfrentar outros inimigos externos. Com isso, acabaram sendo dominadas pela Macedônia, localizada ao norte (ver mapa a seguir).





DESAFIO

Segundo Aristóteles, “na cidade com o melhor conjunto de normas e naquela dotada de homens absolutamente justos, os cidadãos não devem viver uma vida de trabalho trivial ou de negócios – esses tipos de vida são desprezíveis e incompatíveis com as qualidades morais –, tampouco devem ser agricultores os aspirantes à cidadania, pois o lazer é indispensável ao desenvolvimento das qualidades morais e à prática das atividades políticas”.

VAN ACKER, T. *Grécia. A vida cotidiana na cidade-Estado*. São Paulo: Atual, 1994.

O trecho, retirado da obra *Política*, de Aristóteles, permite compreender que a cidadania

- a) possui uma dimensão histórica que deve ser criticada, pois é condenável que os políticos de qualquer época fiquem entregues à ociosidade, enquanto o resto dos cidadãos tem de trabalhar.
- b) era entendida como uma dignidade própria dos grupos sociais superiores, fruto de uma concepção política profundamente hierarquizada da sociedade.
- c) estava vinculada, na Grécia Antiga, a uma percepção política democrática, que levava todos os habitantes da pólis a participarem da vida cívica.
- d) tinha profundas conexões com a justiça, razão pela qual o tempo livre dos cidadãos deveria ser dedicado às atividades vinculadas aos tribunais.
- e) vivida pelos atenienses era, de fato, restrita àqueles que se dedicavam à política e que tinham tempo para resolver os problemas da cidade.

Enem 2009. Prova azul. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2009/dia1_caderno1.pdf>. Acesso em: 9 set. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A pólis para os gregos

- 1** Entre os aspectos abordados pelo texto, você estudou a construção da cidadania grega. Nesse sentido, você viu que a pólis era muito maior do que as cidades, mas a política se restringia apenas ao espaço urbano. Portanto, a pólis se constituía como uma comunidade política dos cidadãos, que tinham a cidade como seu espaço de realização da vida pública.
- 2** Diferentemente do que ocorre no Estado moderno, o cidadão ateniense da Antiguidade não era representado por governantes e parlamentares para a realização da política. Ele atuava de forma direta na política, por meio das assembleias. Para aprofundar suas reflexões sobre as diferenças entre a democracia na Grécia Antiga e na sociedade atual, você pode recorrer à seção *Momento cidadania* do Tema 1.

Atividade 2 - A escravidão na Grécia Antiga

- 1** Você pôde perceber, conforme o texto, que um escravo poderia exercer variadas atividades em Atenas, o que mostra o importante papel que eles desempenhavam na economia ateniense.



As origens de Roma e sua organização social

O que teria feito de Roma uma cidade rica e poderosa? Como se organizava sua vida política? Como era a vida cotidiana? E o trabalho?

A história de Roma nos seus primeiros séculos, sobretudo entre os séculos VIII e VI a.C., esteve ligada à dos etruscos, povo cuja origem não é suficientemente conhecida.

Acredita-se que os etruscos teriam se estabelecido na Península Itálica (parte da atual Itália) ainda no século XI a.C. Eles desenvolveram a agricultura e a produção artesanal na região da Etrúria, além de terem conseguido expandir seus domínios.

Não havia inicialmente uma unidade política entre os etruscos, que viviam em cidades-estado independentes. As cidades etruscas se organizavam em monarquias, e foram reis etruscos que governaram Roma entre os anos 753 a.C. e 509 a.C. No século VII a.C., os chefes etruscos que dominaram a Península Itálica trouxeram a cultura grega e oriental para a região.

O mapa ao lado mostra a região ocupada pelos etruscos e sua expansão pela Península Itálica.

O governo romano nesse período era chefiado pelo rei, que era também o chefe religioso e principal representante da justiça. Além do rei, existia o **Senado**, que nesse período monárquico era um conselho de anciãos, ou seja, formado pelos homens mais ricos e mais velhos de Roma, muitos dos quais já tinham ocupado funções de administração no governo romano. Ele criava as leis e tinha o direito de vetar decisões reais. Por fim, havia a **Cúria**, uma assembleia de cidadãos que deveria confirmar as propostas feitas pelo rei e pelo Senado.

Expansão etrusca entre 750-500 a.C.



Para ser senador, era necessário pertencer às famílias mais importantes da aristocracia romana e ter reconhecido destaque. O cargo de senador era vitalício. No início da República, que você verá mais adiante, havia 300 senadores. Já no período imperial, depois da República, eram mais de mil.

A escolha dos senadores envolvia um complexo processo eleitoral. A população de Roma era dividida em centúrias, conforme informava o censo que se realizava, e os eleitores das centúrias mais ricas votavam primeiro. Dependendo da diferença entre os candidatos, a eleição poderia ser decidida sem que os grupos mais pobres chegassem a votar. Com o surgimento da República Romana, o Senado, sob o domínio de integrantes das camadas mais ricas, passou a ser o centro do poder.

Nesse período, ser cidadão significava possuir direitos políticos que não eram concedidos a todos os romanos, especialmente aos grupos mais empobrecidos e sem ligação com os nobres considerados fundadores de Roma.

Em 509 a.C., entretanto, os romanos colocaram fim ao domínio etrusco, com a deposição do rei Tarquínio, acusado pelos cidadãos de governar de maneira tirânica e absoluta. Esse episódio marcou o fim da monarquia e a fundação da República Romana.

O grupo social que liderou a fundação da República em Roma foi o dos **patrícios**, proprietários de terras que dominavam o Senado. Nas suas terras, eles exerciam a pecuária, mantinham vinhas e produziam gêneros agrícolas, incluindo o cultivo de oliveiras para a produção de azeite.

A produção estava organizada em propriedades nas quais viviam camponeses, escravos e clientes. Estes últimos eram pessoas protegidas pelos patrícios, devendo-lhes obrigações econômicas e pessoais. O cliente não só deveria trabalhar para o patrício como também deveria expressar as mesmas opiniões políticas de seu protetor.

Além desses grupos sociais, havia ainda os **plebeus**, população livre que não tinha direitos políticos plenos. Nesse grupo da plebe se inseriam, além dos camponeses já citados, artesãos e comerciantes, que eram considerados desqualificados para a vida política, pois não estavam ligados às famílias mais tradicionais de Roma, que seriam as fundadoras da cidade.

Por último, na República Romana existiam os escravos, que, como acontecia na Grécia Antiga, eram em grande parte populações escravizadas nas guerras. Porém, a partir do século V a.C., muitos camponeses que contraíram dívidas com os patrícios começaram a se tornar escravos por dívida. Eles só deixariam de ser escravos quando liquidassem a importância devida.

Assim como em Atenas e Esparta, os escravos eram parte essencial do sistema econômico romano. Eles estavam presentes em um grande conjunto de atividades, que se estendia da agricultura à pecuária, da produção artesanal às obras públicas, além dos serviços domésticos. Enfim, eles eram a base da produção de riquezas e da realização de serviços da sociedade romana.

As imagens a seguir mostram a presença de escravos em várias atividades econômicas da sociedade romana.



Detalhe de relevo produzido no século II d.C., que descreve o interior de uma loja de cintos e almofadas. O proprietário e o funcionário mostram os produtos para o comprador, que está sentado acompanhado de seus escravos.



Relevo do século I a.C., que mostra prisioneiros sendo trazidos como escravos de um dos territórios conquistados por Roma.



Detalhe de relevo do século II d.C., com escravos realizando tarefas diversas em uma oficina.



Escravos trabalhando na produção do vinho, em relevo do século II d.C.

Conforme o direito romano, o escravo, assim como ocorria na Grécia Antiga, era uma peça, um equipamento utilizado na produção que poderia ser comprado, vendido ou alugado. O dono de um escravo poderia puni-lo quando julgasse

necessário e o escravo poderia ser julgado pelo Estado com mais rigor, dependendo do crime. O senhor também poderia libertar seu escravo, se quisesse, e era possível a um liberto se tornar cidadão romano.

O escravo deveria ser mantido pelo senhor em relação às suas necessidades básicas, incluindo vestimenta e alimentação. Um escravo poderia receber pagamento por serviços realizados ou até mesmo ter um negócio, mas parte do que ganhasse deveria ficar para o senhor. Os escravos domésticos tinham mais chance de receber benefícios, enquanto os escravos do campo viviam em piores condições.

ATIVIDADE 1 Os escravos na Roma Antiga

As próximas questões referem-se à escravidão na Roma Antiga, conforme o que você leu no texto *As origens de Roma e sua organização social*. Faça uma primeira leitura dessas questões e retome o texto. Procure as informações que podem contribuir para a construção de sua resposta. Para responder à segunda questão, será necessário também retomar os textos relacionados à escravidão na Grécia Antiga.

1 Ser escravo na Roma Antiga significava necessariamente não ter meios próprios para se sustentar? Explique.

2 Retome o estudo sobre a Grécia Antiga (Tema 1 desta Unidade) e faça uma comparação entre ser escravo em Atenas ou Esparta e ser escravo na Roma Antiga, indicando semelhanças e diferenças.

MOMENTO
CIDADANIA

O que é uma República?

No regime político republicano, aquele que governa deve ser eleito diretamente pelo povo ou de forma indireta por uma assembleia. Na Roma Antiga, a palavra república referia-se a *res pública* (coisa pública), ou seja, as leis da comunidade devem produzir o bem comum como princípio de justiça. A partir do século XVIII, passou a existir o que se denomina no presente de república federativa, que tem como base a Constituição, os Estados e a União. Nos países republicanos existe um Poder Legislativo (parlamento), formado por parlamentares eleitos como representantes dos cidadãos, um Poder Executivo e um Poder Judiciário. Cada um deles deve funcionar com independência. No entanto, existem muitas especificidades quando se considera o regime republicano de cada país e nem sempre esses princípios vigoram da mesma forma.



As disputas sociais em Roma durante sua expansão territorial

Na República Romana foi criada a **Magistratura**, que realizava a administração do império e de seus domínios. Essa instituição era dominada pelos patrícios, uma vez que só esses grandes proprietários de terra e de origem nobre poderiam ocupar o cargo de senador. Além dela, existiam diferentes assembleias, que participavam da organização administrativa de Roma. Para compor a assembleia, os cidadãos votavam nos candidatos indicados por um magistrado.

Ao longo da história romana, as lutas sociais garantiram a conquista de direitos e a ampliação da participação política dos plebeus. Se no início da República Romana eram apenas os patrícios que ocupavam os principais cargos, com o decorrer do tempo foram sendo criados novos espaços políticos que eram ocupados pelos plebeus. É o caso do **tribuno da plebe**, um magistrado que defendia os interesses populares.



Tribunos da plebe

Representantes da Assembleia Tribuna, criada em 494 a.C. Foi instaurada após revolta da plebe, que exigia participação na Magistratura, até então direito só dos patrícios. A Assembleia Tribuna elegia os tribunos de cada uma das tribos romanas e julgava crimes que incidissem em multas. Eles podiam também vetar decisões dos magistrados patrícios e apresentar proposições sobre temas relacionados a política, administração da cidade e questões militares.

Além disso, foram criadas leis, como a proibição da escravidão por dívidas, que diminuíram a exploração dos plebeus. Com isso, evitava-se que as dificuldades econômicas enfrentadas pelos plebeus provocassem a perda da liberdade.

A constante tensão entre os patrícios e a plebe, pelo maior reconhecimento dos direitos dos plebeus, resultou também na criação da Lei das Doze Tábuas. Conforme explica o historiador Pedro Paulo Funari:

Por volta de 450 a.C., os plebeus conseguiram que as leis segundo as quais as pessoas seriam julgadas fossem registradas por escrito, numa tentativa de evitar injustiças do tempo em que as leis não eram escritas e os cônsules, sempre da nobreza de sangue, administravam a justiça como bem entendiam, conforme suas conveniências. O conjunto de normas finalmente redigidas foi chamado “A Lei das Doze Tábuas”, que se tornou um dos textos fundamentais do Direito romano, uma das principais heranças romanas que chegaram até nós. A publicação dessas leis, na forma de tábuas que qualquer um podia consultar, [...] foi importante, pois o conhecimento das “regras do jogo” da vida em sociedade é um instrumento favorável ao homem comum e potencialmente limitador da hegemonia e arbítrio dos poderosos. As Doze Tábuas não chegaram completas até nós, mas possuímos fragmentos como os seguintes: “quem tiver confessado uma dívida, terá trinta dias para pagá-la; quando um contrato é firmado, suas cláusulas são vinculantes, devendo ser cumpridas; se um patrão fraudar um cliente, que seja amaldiçoado”.

FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 83.



**PENSE
SOBRE...**

Apesar de no Brasil atual haver um regime republicano, não se pode afirmar que seja uma república organizada da mesma forma que era a romana. No entanto, será que a República Romana teria alguma semelhança com a forma de organização política da república brasileira? E quais seriam as diferenças?



A expansão romana

Ao longo da República, Roma ampliou seus domínios para grande parte do mundo conhecido até então. Os povos que se submetiam a Roma poderiam ser transformados em cidadãos, mas aqueles que resistiam ao poder romano tinham sua população escravizada quando derrotada pelo poderoso exército de Roma.

Todo cidadão romano deveria participar do exército, que era gigantesco, com mais de 300 mil homens. O exército era necessário para cuidar de uma imensa população dominada e ampliar ainda mais o território. Ele era dividido em legiões e cada uma delas era comandada por um general, que era uma figura de destaque na sociedade.



VOCÊ SABIA?

Em Roma, a vida política sempre foi ligada à vida militar; o soldado é o cidadão submetido à disciplina; indiretamente, é ele que elege seus comandantes, pois elege os magistrados que, em guerra, assumem o comando das legiões. Recrutado censitariamente, deve ter um mínimo de bens para ser convocado a integrar a *militia*. Aqueles que, na declaração do censo, não podem declarar esse mínimo, ficam excluídos do serviço militar. O censor coloca-os entre os *proletarii*, aqueles que apenas têm a declarar a própria prole, ou entre os *capite censi*, que declaram apenas a própria pessoa. O exército estava sob o controle dos magistrados superiores e do Senado. [...]

Em 218 a.C., o número de cidadãos é de cerca de 270.000 e, em 115 a.C., já são 395.000. Esses números referem-se aos homens adultos e mobilizáveis, excluídas as mulheres e as crianças, mas não incluem os aliados e os latinos itálicos, residentes em outras cidades e territórios que legalmente não desfrutam da cidadania.

CORASSIN, Maria Luiza. O cidadão romano na República. *Projeto História*, São Paulo, dez. 2006, p. 276-277. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume33/artigo_13.pdf>. Acesso em: 9 set. 2014.



Soldados romanos cercando uma vila. [Alto-relevo do século II d.C., presente na coluna de Trajano, localizada em Roma (Itália).]

No século I a.C., com a expansão imperial, cresceu o número de escravos e de grandes propriedades, ampliando-se também os conflitos sociais e a desigualdade. Muitos camponeses que não tinham terras ocupavam os centros urbanos em busca de trabalho.

Para solucionar essa situação, o tribuno da plebe Tibério Graco apresentou em 133 a.C. na Assembleia Tribuna uma proposta que redistribuía as terras públicas em favor dos cidadãos empobrecidos. Tibério propôs também que recursos do Tesouro financiassem essa reforma agrária. Os senadores não conseguiram impedir a aprovação da reforma, mas Tibério Graco foi assassinado.

Em 122 a.C., seu irmão Caio Graco, também tribuno da plebe, propôs uma ampliação da proposta de Tibério. Defendia a venda de trigo com preço mais baixo para a população pobre e a distribuição de terras em áreas distantes para acomodar aqueles que não tinham terras. Caio Graco também foi assassinado e as disputas entre a plebe e os patrícios tornaram-se ainda mais acirradas.

Nesse contexto de crise social, fortaleceu-se o poder de militares de destaque. Em 82 a.C., o general Sula tornou-se ditador, um tipo de governante escolhido para esse cargo político em situações de instabilidade, com poderes para legislar e reorganizar o governo. Como Sula foi incapaz de dar soluções para a crise, teve início uma guerra civil em Roma, ampliada pela revolta de escravos liderada por Espártaco, no século I a.C.



VOCÊ SABIA?

Espártaco nasceu em 113 a.C. e morreu em 71 a.C. Foi soldado romano, mas deixou o exército e foi preso. Vendido como escravo, tornou-se gladiador, sendo obrigado a lutar para sustentar o negócio de seu dono, que lucrava com a realização de lutas nas arenas para divertimento público. Revoltado com sua situação, conseguiu fugir com outros escravos e transformou-se na principal liderança da chamada Terceira Guerra Servil, uma revolta de escravos entre 73 e 71 a.C. A crescente adesão de escravos ao movimento que se opunha à escravidão gerou grave crise política em Roma. Em guerra com as forças romanas, Espártaco e grande parte de seu exército, composto de escravos, acabaram sendo derrotados.



FICA A DICA!

Veja duas sugestões de filmes que podem ajudar você a entender a relação dos gladiadores com a situação social na Roma Antiga.

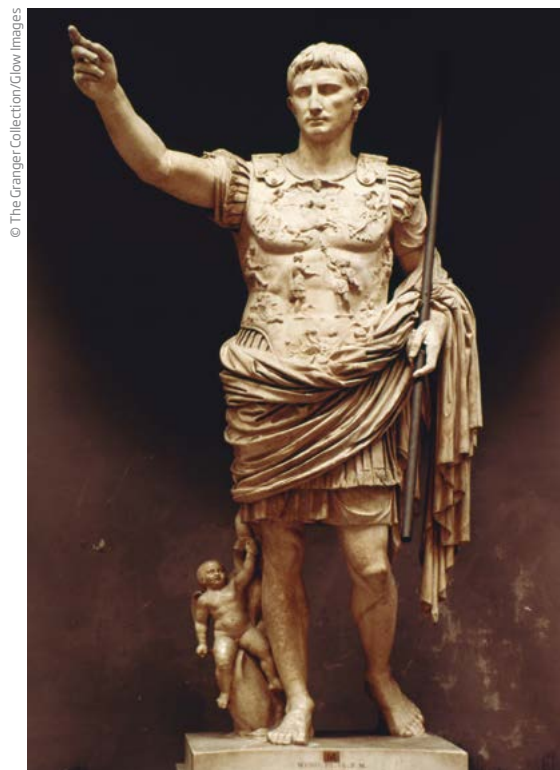
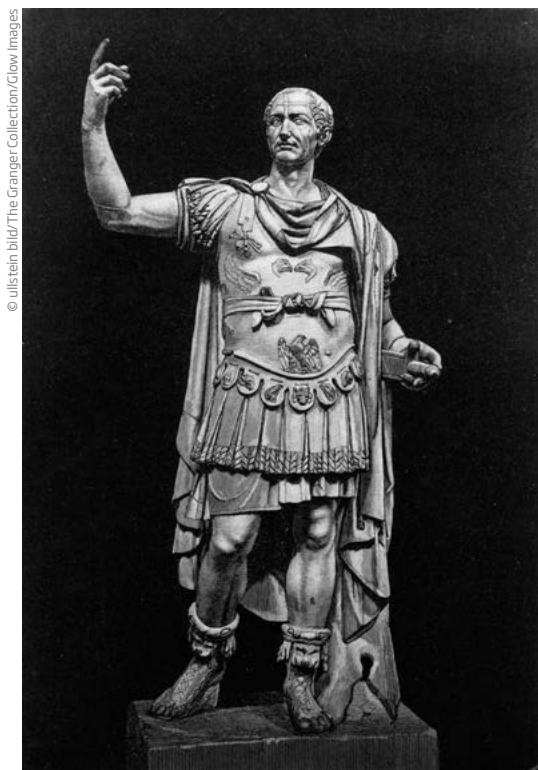
Gladiator (direção de Ridley Scott, 2000). O filme aborda as lutas entre os gladiadores romanos e os interesses políticos e econômicos de seus proprietários, mostrando a vida dos escravos destinados a lutar para entretenimento do público.

Spartacus (direção de Stanley Kubrick, 1960). O filme narra a revolta de escravos liderada por Espártaco e a repressão do exército romano contra os revoltosos.

Em meio à crise, o general Júlio César, bem-sucedido nas guerras, discursava em favor das massas empobrecidas. Em 60 a.C., foi formado um novo governo, que se chamaria Primeiro Triunvirato, composto pelo próprio Júlio César, que comandou a Gália (que corresponde aproximadamente aos atuais norte da Itália e sul da França); por Pompeu, que governou Roma e o Egito; e por Crasso, a quem coube a Ásia Menor (parte da atual Turquia).

Em 52 a.C., Crasso faleceu e o Senado decidiu transformar Pompeu no único cônsul, que deteria o poder. Em resposta, Júlio César pôs seu exército em marcha contra Pompeu, venceu seu oponente e transformou-se, no ano de 49 a.C., em ditador vitalício.

No entanto, em 44 a.C., Júlio César foi assassinado dentro do próprio Senado pelos opositores do governo ditatorial. Formou-se então o Segundo Triunvirato, com Marco Antônio, Lépido e Otávio. Contudo, a guerra civil se manteve e os conflitos pela disputa do poder também. Em 27 a.C., Otávio enfrentou o exército de Marco Antônio e o derrotou, transformando-se em imperador de Roma sob o título de **Augusto**. Antes disso, Otávio tinha acusado Lépido de traição e conseguiu afastá-lo do triunvirato. A partir de então, vários imperadores se sucederam à frente do governo romano.



Esculturas de Júlio César (à esquerda) e de Augusto (à direita). Observe a posição de ambos, indicando poder, e suas roupas, com coletes militares, por serem generais.

Os limites de Roma cresceram ainda mais no período imperial, como pode ser observado no mapa da página seguinte.

Durante o Império, até 250 d.C., Roma viveu um período de paz interna, que ficou conhecido como *pax romana*. Mas após esse período houve várias crises, guerras civis e redução da capacidade de expansão imperial. Entre as razões das crises estavam a diminuição do contingente de escravos, que eram a base da vida econômica; as várias rebeliões nas províncias, dificultando a manutenção do império; e a guerra civil, relacionada com disputas pelo poder no Senado e pelo posto de imperador.



Soldado romano lutando com um bárbaro. [Relevo no Fórum de Trajano, em Roma (Itália), século II d.C.]

Nesse contexto, ganhou força o cristianismo, que, no ano de 313 d.C., deixou de ser uma religião proibida em Roma. Nas últimas décadas do século IV, Roma já não tinha capacidade para controlar fronteiras tão extensas e foi invadida por povos inimigos, vindos de fora dos territórios do Império e denominados pelos romanos de bárbaros. Eles vinham do norte e do leste da Europa – os chamados povos germânicos, como os godos, os visigodos, os lombardos, os vândalos, os anglos, os saxões, os hérulos – e também do continente asiático, como os hunos, que aos poucos foram dominando várias regiões romanas.

Aliadas à crise do século IV, essas invasões contribuíram para o fim do império. Como resultado dessa desagregação de Roma, a Europa sofreu profundas alterações sociopolíticas e econômicas.

ATIVIDADE 2 Crise na República Romana

Com base no que você leu sobre os conflitos ocorridos no final da República Romana, responda ao que se pede.

1 Quais foram os motivos das revoltas sociais ocorridas nos séculos II a.C. e I a.C?

2 De que maneira as tentativas de manter o controle político acabaram levando um general ao poder como imperador em Roma?

**PARA SABER MAIS****A ascensão do cristianismo**

Os romanos eram, em geral, tolerantes com as religiões dos povos que conquistavam. Mas não foi o que ocorreu em relação aos cristãos, que eram defensores do monoteísmo e negavam os deuses romanos. Por isso, os cristãos eram também inimigos do imperador romano, que dizia governar em nome desses deuses. Considerados uma ameaça aos romanos, os cristãos foram perseguidos e, em muitos casos, aprisionados e executados. Houve cerimônias públicas nas quais eles eram atirados aos leões para serem devorados.

Nesse contexto, os cristãos tinham de viver escondidos em catacumbas, nas quais realizavam seus cultos. Durante a crise do Império Romano, no século IV, o cristianismo, por se propor universal, ou seja, uma religião para todos, ganhou força e se expandiu. A grande adesão da população à nova religião fez com que os governantes romanos revissem a proibição do culto cristão. Em 313, o imperador Constantino, com a publicação do Édito de Milão, concedeu a liberdade de culto. Em 325, o Concílio de Niceia decidiu pela união do cristianismo ao Estado romano. Em 380, o cristianismo passou a ser a religião oficial do Império.



DESAFIO

1 A religião em Roma Antiga era essencialmente politeísta e o ritual mais importante era o culto ao Imperador. Contudo, a partir do século I, muitos se negavam a admitir seu caráter divino e, por isso, ameaçavam o Estado e passavam a ser perseguidos. Tratava-se:

- a) dos bárbaros invasores.
- b) dos escravos, reféns de guerra.
- c) de estrangeiros que preferiam cultuar seus próprios deuses.
- d) dos primeiros cristãos.
- e) dos judeus.

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2013. Exame de seleção para cursos técnicos. Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/futuros-alunos/exame-de-selecao-para-cursos-tecnicos/edicoes-antiores/exame-de-selecao-verao-2013>>. Acesso em: 27 out. 2014.

2 Durante a República Romana, a escravidão aumentou consideravelmente sua importância na sociedade e na economia, contribuindo para a crescente dependência da República Romana em relação à mão de obra escrava. A dependência da mão de obra escrava na República Romana devia-se:

- a) à expansão das grandes propriedades e ao aniquilamento da pequena propriedade rural.
- b) às guerras de conquista empreendidas por Roma, as quais contribuíram decisivamente para o predomínio dessa relação de trabalho.
- c) à inexistência de mão de obra livre e ao desinteresse da população pelos trabalhos manuais.
- d) aos conflitos entre patrícios e plebeus na luta pela terra.
- e) à necessidade de ampliação da oferta de mão de obra para o desenvolvimento do artesanato.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/coperse/provas-e-servicos/baixar-provas/Histria2011.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Os escravos na Roma Antiga

1 Você leu que o escravo poderia receber salário e até ter um negócio próprio, contando, ainda, com a possibilidade de se tornar liberto. Os escravos da cidade, especialmente os domésticos, conseguiam obter alguns benefícios que os escravos do campo dificilmente tinham.

2 Relembrando o conteúdo do Tema 1, você viu que na Grécia Antiga a grande maioria dos escravos era obtida, assim como no caso romano, por meio das guerras de conquista, ou seja, os estrangeiros eram transformados em escravos. Uma diferença entre os sistemas escravistas grego e romano era a maior possibilidade de um escravo tornar-se livre em Roma, conseguindo até mesmo ter direitos como cidadão, o que não poderia ocorrer nas pólis gregas, como Atenas e Esparta.

Atividade 2 - Crise na República Romana

1 As disputas entre plebeus e patrícios se tornaram mais acirradas devido à má distribuição de terra no século II a.C. Também ocorreram revoltas servis, sendo a mais conhecida a liderada por Espártaco, contra a situação dos escravos.

TEMAS

1. A criação de uma nova vida social e política na Europa e de um império na Idade Média
2. O feudalismo na Europa e a luta entre cristãos e muçulmanos

Introdução

A queda do Império Romano do Ocidente provocou profundas transformações na Europa. Por isso, foi convencionado por historiadores que esse seria o marco que determinaria o fim da Antiguidade e o começo do período medieval, que se estendeu de 476 até pelo menos 1453, quando o Império Romano do Oriente foi dominado pelos turcos otomanos, com a conquista da capital Constantinopla. Isso não quer dizer, contudo, que as culturas grega e romana tenham deixado de exercer influência sobre os europeus, apenas que surgiram novas formas de organização social.

O período posterior à queda do Império Romano do Ocidente foi marcado por inúmeros conflitos envolvendo diferentes povos “bárbaros” (como eram chamados por gregos e romanos), como os francos, os visigodos, os ostrogodos, os vândalos, os hunos, os anglos, os saxões e outros.

Essa foi também uma época de grandes transformações no Oriente, durante a qual ocorreram o desenvolvimento da ciência, a criação do islamismo e um grande movimento expansionista em direção à Europa.

Você estudará um período histórico em que estiveram em conflito os povos “bárbaros”, cristãos, judeus e muçulmanos. As motivações religiosas eram parte desses enfrentamentos, que também envolviam a ambição por conquistar novos territórios, obter riquezas e mais poder político.

TEMA 1

A criação de uma nova vida social e política na Europa e de um império na Idade Média

Desde o governo de Diocleciano (284-305), Roma estava dividida internamente em Império do Ocidente e do Oriente. Essa foi uma estratégia para administrar e defender de maneira eficiente o vasto território. Em 330, o imperador Constantino reconstruiu a antiga colônia grega de Bizâncio e mudou seu nome para Constantinopla, que se tornaria a capital do Império Romano do Oriente. Com a morte do imperador Teodósio, em 395, o império foi definitivamente dividido entre seus dois filhos: Arcádio recebeu a parte oriental e Honório a ocidental, com sede em Milão.

Em 476, o imperador romano do ocidente Rômulo Augusto foi deposto pelos germânicos, vindos do norte da Europa. Na sequência, eles reconheceram o poder do imperador Zenão I, que comandava o Império Romano do Oriente, com sede em Constantinopla. Contudo, o chefe militar germano Odoacro, rei dos hérulos, definiu-se como rei de Roma e assumiu o poder na parte ocidental do Império. Esse evento é considerado o marco do fim do Império Romano do Ocidente. Já o Império do Oriente, que mantinha cada vez menos laços com o governo romano, sobreviveu.

No entanto, não foram apenas os germânicos que invadiram os territórios que formavam o Império Romano. Alguns séculos depois, povos do Oriente Médio, seguidores do islamismo, como as populações da Península Arábica, invadiram e dominaram algumas regiões da Europa, especialmente a chamada Península Ibérica, na qual hoje estão Espanha e Portugal. Por fim, os cristãos se constituíram na maior força política e religiosa da Europa, sendo o papa capaz de determinar as regras morais e estabelecer muitos dos caminhos políticos da sociedade europeia.

Neste tema, você estudará esse intrincado contexto histórico, em que, com a fragmentação do Império Romano, novas forças políticas e religiosas emergiram e constituíram-se.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Os germânicos, chamados de povos bárbaros pelos romanos, invadiram os domínios de Roma a partir do século V. Você já ouviu falar sobre esses povos? Por que eles foram considerados bárbaros pelos romanos? Você já ouviu alguém chamar uma pessoa ou um grupo de bárbaro? Por quê? Registre, nas linhas a seguir, o que você sabe sobre esse tema.



Os povos germânicos e a formação de um novo império

A crise do Império Romano permitiu que os chamados povos bárbaros, que migravam do norte e do leste da Europa, invadissem vários de seus domínios. Aos poucos, foram abalando o próprio poder imperial, que, em 476, foi enfim derrubado pelos germânicos. Mas quem seriam os bárbaros? Para gregos e romanos, bárbaros eram os povos por eles dominados e todos aqueles que, por serem estrangeiros, não falavam grego ou latim.

Os visigodos, também de origem germânica, vindos do Leste Europeu, dominaram a maior parte do atual território da Espanha e impuseram sua autoridade na região. Já os francos conquistaram a Gália, na atual França, enquanto os ostrogodos tomaram parte da Península Itálica.

Os germânicos não possuíam homogeneidade étnica, isto é, não eram um único povo. Habitavam principalmente a região norte da Europa, sem que houvesse, entretanto, um poder centralizado. Eram populações **seminômades**, que chegaram a praticar uma economia de troca com os romanos, aos quais enviavam madeiras, peles e **âmbar** em troca de produtos de consumo mais imediato.

Além dos visigodos, francos, ostrogodos e germânicos, outros povos invadiram o território romano. No século IV, por exemplo, os hunos, vindos do centro da Ásia, apoderaram-se de parte das terras dos germânicos. Isso pressionou os germânicos a ocupar novas áreas na Europa central. O mapa a seguir traz representações de algumas das rotas de deslocamento realizadas pelos povos chamados bárbaros.



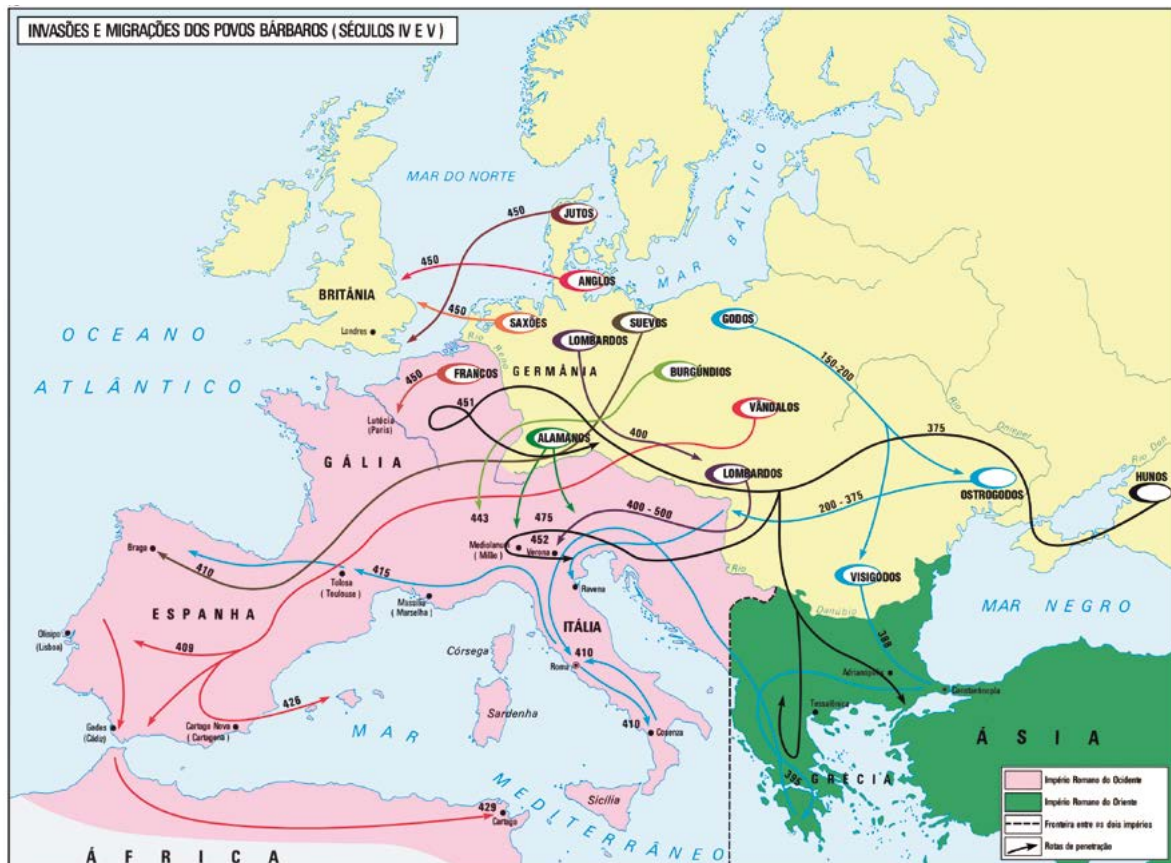
Glossário

Seminômade

Aquele que organiza sua morada em determinado lugar por uma temporada, mas migra de tempos em tempos, não estabelecendo assim uma moradia fixa.

Âmbar

Resina fóssil que pode ser usada para fazer ornamentos, como colares, brincos etc.



Organizados em comunidades nômades e guerreiras, os hunos penetraram no território europeu. Chefiados por Átila, em 441, dominaram a Gália, passando a cobrar tributos da população. Após a morte de seu chefe, em 453, parte dos hunos foi dominada pelos germânicos e outra parte dirigiu-se para a região da atual Bulgária, onde fundaram o reino búlgaro.

Já os francos, entre os séculos IV e V, instalaram-se na região da atual Bélgica e também em parte da atual Alemanha. Até o século V, eles foram aliados dos romanos, quando o imperador Clóvis se converteu ao cristianismo e fortaleceu a **dinastia** merovíngia, ou seja, dos descendentes de Meroveu, avô de Clóvis. Ainda durante o século V, Clóvis conseguiu expandir seus domínios até a Gália, em uma região que compreendia parte das atuais França, Alemanha e Bélgica, incluindo o vale do Rio Reno.

No século VII, após o fim da dinastia dos merovíngios, surgiu a dinastia carolíngia (dos descendentes do rei Carlos Martel), que em meados do século VIII consolidou o seu poder na Gália, substituindo os merovíngios. Em 751, o carolíngio Pepino, o Breve, tornou-se imperador dos francos, com o apoio do papa. A contribuição de Pepino para a expulsão dos lombardos (outro povo bárbaro) de Roma resultou em uma aliança entre a Igreja Católica e a dinastia carolíngia, que permitiu o fortalecimento político e ampliou os domínios carolíngios na Europa. Formou-se, assim, um império, unido politicamente, em meio à **fragmentação** que caracterizava o período medieval até aquele momento.

Naquela época, a guerra pela conquista de terras e domínios era constante. Nesse sentido, manter-se em guerra era também uma estratégia para defender o território. As terras conquistadas seriam distribuídas aos aliados do rei vitorioso, criando um complexo sistema de alianças que envolvia a fidelidade daquele que recebia a terra em relação àquele que a deu.

Com a morte de Pepino, o Breve, subiu ao trono seu filho Carlos Magno, que se tornou rei dos francos em 768. Para continuar a ampliar suas fronteiras e defender seu território, Carlos Magno criou um exército bem equipado, com cavalos e armas de guerra. Instituiu também postos militares e nomeou governadores em cada um dos territórios conquistados.

O Império Carolíngio era dividido em 600 condados, sendo cada um administrado por um conde, que era um homem de confiança escolhido pelo imperador.



Glossário

Dinastia

Seqüência de soberanos (reis) de uma mesma família.

Fragmentação

Sem unidade, algo que está em partes.

Os condados eram territórios que englobavam grandes extensões de terra e núcleos urbanos (vilas e cidades).

Já os territórios de fronteiras, em regiões vizinhas, como na Península Ibérica e na Bretanha, eram chamados marcas. Elas eram governadas por marqueses, que tinham mais poder e autonomia que os condes, em razão da importância da defesa desses territórios para conter as invasões externas.

Os condes e marqueses constituíam laços de fidelidade com o imperador, fortalecendo os domínios imperiais.

Dentro do império, a religião cristã foi difundida e o paganismo foi combatido. Os pagãos eram aqueles que não seguiam a fé cristã. Também foram construídos igrejas e monastérios para garantir a presença da Igreja em todas as regiões do império.

Em 800, Carlos Magno foi consagrado imperador pelo papa Leão III, isto é, seu poder foi reconhecido pela Igreja como legítimo perante Deus, fortalecendo a aliança entre a dinastia carolíngia e a Igreja Católica.



Representação da coroação de Carlos Magno pelo papa Leão III, em 800. [Detalhe de um exemplar do manuscrito *Grandes crônicas da França*, do século XIV. Biblioteca Municipal, Castres (França).]

Para ampliar a eficiência na administração do seu império, Carlos Magno criou escolas nas quais se ensinava Latim, Aritmética, Música, Geometria e Astronomia. Esse processo foi chamado de Renascimento Carolíngio, pois, após um período de grande atividade intelectual ocorrido na Antiguidade, retomava-se a possibilidade de desenvolvimento do conhecimento na chamada Idade Média.

Com a morte de Carlos Magno, em 814, o comando foi assumido por seu filho Luís, o Piedoso, para quem o império deveria ser a congregação dos povos cristãos. Após a morte de Luís, em 840, seus filhos passaram a disputar a sucessão do trono, gerando conflitos que resultariam na fragmentação do Império Carolíngio. Foi necessário celebrar o Tratado de Verdun, em 843, para pôr fim ao conflito, dividindo as terras em três partes.

Com a morte dos filhos de Luís, os novos herdeiros disputaram mais uma vez o trono, gerando outras divisões internas do território. O império só foi reunificado em 881, com Carlos, o Gordo. No entanto, após sua morte, em 887, o império voltaria a se fragmentar em vários reinos independentes, não tendo mais uma unidade política.

ATIVIDADE**1****A fragmentação política medieval**

Agora, dedique-se a retomar o que foi estudado sobre os primeiros séculos da Idade Média respondendo às questões a seguir. Releia o texto *Os povos germânicos e a formação de um novo império* antes de formular suas respostas. Na segunda pergunta, observe cuidadosamente a imagem em busca de todos os elementos possíveis para elaborar seu argumento.

1 Por que os primeiros séculos da Idade Média podem ser considerados um período de fragmentação política? Como esse período se diferenciava do Império Romano?

2 Com base no texto *Os povos germânicos e a formação de um novo império* e na imagem ao lado, explique por que a Igreja Católica contribuiu para a consolidação dos impérios Merovíngio e Carolíngio.



Representação do batismo de Clóvis, que no final do século V se converteu ao cristianismo e fortaleceu a dinastia merovíngia. [Detalhe de um exemplar do manuscrito *Grandes crônicas da França*, do século XIV. Biblioteca Municipal, Castres (França).]



**PENSE
SOBRE...**

Em que medida religião e poder podem ser colocados lado a lado? Durante a Idade Média, era evidente o papel político da Igreja Católica, que se aliava aos reis e às forças militares para expandir seus domínios. Da mesma forma, reis contavam com o apoio do papa para fortalecer seu poder. E nos dias atuais, você acha que existe alguma relação estreita entre religião e política? Pense nas situações vividas por você e pelo país nos últimos anos. Mas não se esqueça: ainda que na introdução da Constituição seja pedida a proteção de Deus, a Carta Magna brasileira garante a independência entre Estado e Igreja; por isso, o Brasil é considerado um Estado laico.



DESAFIO

“O sacerdote, tendo-se posto em contato com Clóvis, levou-o pouco a pouco e secretamente a acreditar no verdadeiro Deus, criador do Céu e da Terra, e a renunciar aos ídolos, que não lhe podiam ser de qualquer ajuda, nem a ele nem a ninguém [...] O rei, tendo pois confessado um Deus todo-poderoso na Trindade, foi batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ungido do santo Crisma com o sinal-da-cruz. Mais de três mil homens do seu exército foram igualmente batizados [...]”

São Gregório de Tours. A conversão de Clóvis. *Historiae Ecclesiasticae Francorum*. Apud PEDRERO-SÁNCHEZ, M.G., *História da Idade Média. Textos e testemunhas*. São Paulo, Ed.Unesp, 2000, p. 44-45.

A respeito dos episódios descritos no texto, é **correto** afirmar:

- a) A conversão de Clóvis ao arianismo permitiu aos francos uma aproximação com os lombardos e a expansão do seu reino em direção ao Norte da Itália.
- b) A conversão de Clóvis, segundo o rito da Igreja Ortodoxa de Constantinopla, significou um reforço político-militar para o Império Romano do Oriente.
- c) Com a conversão de Clóvis, de acordo com a orientação da Igreja de Roma, o reino franco tornou-se o primeiro Estado germânico sob influência papal.
- d) A conversão de Clóvis ao cristianismo levou o reino franco a um prolongado conflito religioso, uma vez que a maioria dos seus integrantes manteve-se fiel ao paganismo.
- e) A conversão de Clóvis ao cristianismo permitiu à dinastia franca merovíngia a anexação da Itália a seus domínios e a submissão do poder pontifício à autoridade monárquica.

Fundação Getúlio Vargas, São Paulo (FGV-SP), 2004. Disponível em: <http://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/fgvsp/2004_1fase/1dia/FGVSP2004_1fase_1dia.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - A fragmentação política medieval

1 Retomando o estudo do texto *Os povos germânicos e a formação de um novo império*, você poderia responder que o período medieval se caracterizou pela fragmentação política e foi marcado por constantes disputas territoriais e políticas. Os vários reinos que se formaram estavam constantemente em guerra, seja como estratégia de defesa ou de conquista. O Império Carolíngio conseguiu constituir uma força imperial de maneira a instituir uma nova forma de governar, a qual pressupunha uma rede de compromissos e alianças. Assim como no Império Romano, em que a unidade política se impunha por meio do poder do imperador, alguns momentos da história do Império Carolíngio caracterizaram-se também pela concentração do poder. Depois do Tratado de Verdun, essa unidade se perdeu e o poder político se fragmentou em vários reinos na Europa, alterando o foco das relações de poder para uma escala local.

2 Você poderia explicar que com o fim do Império Romano e a fragmentação do poder político na Europa medieval, a Igreja Católica tornou-se um dos elementos fundamentais das alianças políticas que se estabeleciam. O Império Carolíngio conseguiu se fortalecer politicamente ao manter forte aliança com o papa. A imagem mostra o início desse processo, quando Clóvis foi batizado na religião cristã, selando essa aliança.

Desafio

Alternativa correta: c. Ao retomar o texto *Os povos germânicos e a formação de um novo império*, você poderia responder que o rei Clóvis foi o primeiro líder germânico a se converter à fé cristã, dando início à consolidação da cristandade no continente europeu.

Mais do que confirmarem uma força imperial na Europa, os carolíngios estabeleceram as bases do sistema feudal e a organização da vida medieval, a partir do século IX. A Igreja Católica continuou a ampliar os seus domínios em um contexto marcado pela forte presença das atividades rurais e da importância reduzida das cidades.

Você estudará, agora, o sistema feudal, que organizou a vida econômica e social da Idade Média europeia até pelo menos o século XV, deixando marcas profundas no modo de vida dos vários grupos sociais que viveram nesse período.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Observe a imagem ao lado que mostra várias tarefas realizadas pelos trabalhadores durante o período medieval. Considerando essas atividades, o que é possível afirmar sobre a organização da vida social e do trabalho nesse período? O que você já estudou, leu ou ouviu falar sobre a sociedade medieval europeia? Ainda existem atividades econômicas que se assemelham às que você vê na imagem? Quais? Elas são as atividades econômicas que geram a maior riqueza na sociedade atual?



Calendário medieval que mostra as diferentes atividades agrícolas realizadas ao longo dos meses. [Detalhe da obra *Rustican*, de 1373. Museu Conde, Chantilly (França).]



O feudalismo e a sociedade medieval

Com a crise e a queda do Império Romano do Ocidente, ocorreu uma grande redução na circulação de produtos, pessoas e mercadorias na Europa, o que resultou na queda das atividades econômicas. Como resultado da chegada dos povos bárbaros e a perda de domínios, o Império Romano deixou de trazer produtos e novos trabalhadores das regiões conquistadas, reduzindo suas possibilidades de gerar riqueza.

Nesse contexto, houve um processo de ruralização. Devido à falta de opções de sobrevivência e à fragilidade militar dos romanos para conter as invasões bárbaras, a vida no campo se tornou uma opção para que as pessoas pudessem, ao menos, manter a subsistência por meio de atividades agrícolas.

Assim, entre os séculos V e X, período chamado de Alta Idade Média, ocorreu na Europa uma redução do nível das atividades comerciais e produtivas, prevalecendo uma economia agrícola, que, aos poucos, foi se organizando com base em grandes domínios senhoriais. Eles eram divididos em duas partes: reserva senhorial e mansos. A primeira delas era explorada diretamente pelo proprietário, o senhor feudal. Nela ficavam a moradia da família do senhor, os estábulos, os celeiros e o moinho. A segunda parte, os mansos servis, eram pequenas faixas de terra ocupadas por camponeses, que viviam nos domínios do senhor e produziam apenas o suficiente para a subsistência.

Em um domínio senhorial poderia haver centenas de mansos, que formavam a unidade produtiva do sistema feudal. Nesses domínios, produzia-se quase tudo que era necessário para a sobrevivência da comunidade local, incluindo alimentos, mobília, ferramentas e vestuário. Com isso, as atividades econômicas foram muito reduzidas, recorrendo-se ao mercado apenas quando não era possível produzir internamente algum utensílio.

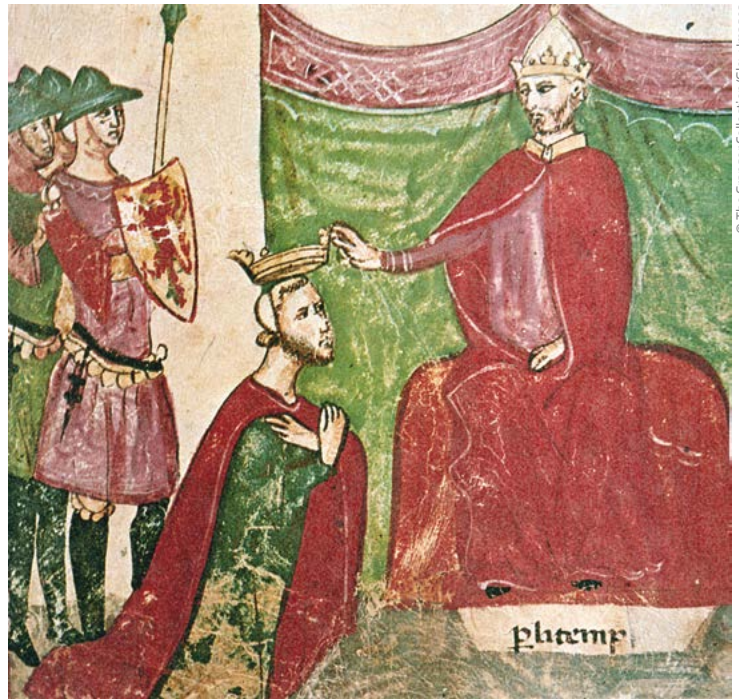
O domínio senhorial também podia ser denominado de feudo. Esse era o nome utilizado para designar um benefício que foi concedido por um senhor a um nobre cavaleiro. Nesse caso, o senhor, que poderia ser um nobre ou mesmo um rei, concedia a outro nobre uma extensão de terra em troca da prestação de serviços militares e ajuda em casos de necessidade.

Havia um juramento de fidelidade, no qual o cavaleiro (aquele que recebia a doação e passava a ser chamado de vassalo) se comprometia a ser fiel ao senhor (aquele que doava e que passava a ser chamado de suserano) em troca do feudo

recebido. Além de terras, o feudo poderia ser a doação do direito de cobrar um pedágio ou qualquer outro privilégio que permitisse ao vassalo obter riquezas. Essas relações de poder entre membros da nobreza, que consolidavam alianças político-militares, eram chamadas de relações de **suserania e vassalagem**, ou ainda feudo-vassálicas. Em caso de descumprimento das obrigações estabelecidas nessas relações, ocorria o confisco do feudo por traição.

Não se pode deixar de fazer referência à importância que a Igreja Católica exercia nesse contexto europeu. Além de participar ativamente das decisões políticas de muitos reinos, era ela quem ditava as regras de conduta da vida social. Os católicos acreditavam que desobedecer às leis impostas pela Igreja poderia impedir a obtenção da desejada salvação após a morte, pois teriam ingressado no mundo do pecado.

Na sociedade medieval havia basicamente três grandes grupos sociais que viviam sob rígida ordem **hierárquica** e com limitadas possibilidades de **mobilidade social**: o clero, os nobres e os camponeses. No topo da hierarquia social estava o clero, que incluía os padres, os bispos e todos os membros da Igreja Católica, sendo o papa sua maior liderança. Em seguida, vinham os nobres, que eram proprietários de importantes porções de terra, como era também a Igreja, e tinham como principal função defender seus domínios e os domínios de seu suserano, além de conquistar novas terras. Por fim, os trabalhadores encontravam-se na base da sociedade, devendo obediência aos nobres e ao clero. Os camponeses e artesãos eram a grande maioria da população, mas tinham menos direitos. Assim, eles acabavam por desenvolver uma relação de dependência em relação aos seus senhores, os nobres, donos das terras das quais eles precisavam para viver.



Líder militar normando recebe do papa Nicolau II o título de duque da Calábria e Sicília em um gesto de aliança da Igreja Católica com aqueles que lutariam contra seus inimigos. [Detalhe de iluminura, 1059.]

Glossário

Hierárquica

Referente à hierarquia, isto é, à classificação baseada nas relações de subordinação entre os membros de um grupo.

Mobilidade social

Possibilidade de mudar de classe social.

Por isso, nesse período ocorreu a formação de uma **sociedade de ordens** ou uma **sociedade de estamentos**. O clero era a primeira ordem, a nobreza a segunda e os camponeses e outros trabalhadores compunham a terceira ordem. A ideia de ordem indicava também que as posições não poderiam ser mudadas: um camponês não poderia nunca se tornar um nobre, nem vice-versa. Havia, portanto, aqueles que tinham nascido para orar, os que haviam nascido para guerrear e aqueles destinados a trabalhar. Os religiosos, como muitos padres, bispos e cardeais, tinham origem na nobreza, mas alguns padres também poderiam vir dos grupos mais pobres da população. Porém, quando entravam para a vida religiosa, não poderiam mais se deslocar para outros grupos, isto é, um padre não se tornaria nobre ou camponês. O clero tinha suas divisões: o papa, os cardeais e os bispos formavam o alto clero, enquanto os padres faziam parte do baixo clero, embora houvesse a possibilidade de ascensão dentro do clero católico.

© Daniel Beneventi

OS ESTAMENTOS DA SOCIEDADE FEUDAL



CLERO

OS QUE REZAVAM

O **clero** (membros da Igreja Católica) era responsável pela proteção espiritual da sociedade e por justificar a posição social de cada indivíduo (determinada pelo nascimento), para garantir a submissão à ordem feudal estabelecida. Dedicava-se a ensinar à população as regras morais e espirituais da Igreja. O alto clero fazia parte da nobreza religiosa.



NOBREZA

OS QUE LUTAVAM

A **nobreza** era responsável pela proteção militar da sociedade. Tinha como principais funções guerrear, governar e administrar seus domínios.



SERVOS (e outros trabalhadores)

OS QUE TRABALHAVAM

Os **servos** produziam tudo o que era necessário para o sustento da sociedade feudal. Trabalhavam nas terras do feudo e, embora não fossem escravos, estavam presos à terra em que trabalhavam. Além dos servos, havia uma pequena parcela de **outros trabalhadores**, como os artesãos e os chamados vilões (trabalhadores livres que ofereciam sua força de trabalho temporariamente para o senhor feudal, não estando presos a um feudo específico).

No entanto, essa situação não era totalmente imutável e havia momentos em que os camponeses se rebelavam contra a ordem social. No século XIV, por exemplo, ocorreram as *jacqueries*, na região do atual norte da França, quando os “*jacques*” (maneira como eram chamados os camponeses), em um contexto de crise do sistema feudal, revoltaram-se com as decisões tomadas pela nobreza. Os nobres desejavam ampliar ainda mais a exploração sobre os trabalhadores rurais, que realizaram vários protestos e ataques contra seus senhores. Entretanto, essas revoltas populares foram reprimidas e a situação de exploração no campo continuou nos séculos seguintes.

Os camponeses que dependiam das terras dos senhores para viver eram chamados **servos**. Eles tinham várias **obrigações** em relação ao senhor, isto é, eram obrigados a pagar taxas (em produtos ou serviços) pelo uso da terra e dos equipamentos e pela proteção senhorial. A **talha** definia que parte da produção do servo deveria ser entregue ao proprietário. Também poderia ser exigida a **corveia**, que era a obrigação de realizar trabalhos gratuitos nas terras do senhor alguns dias da semana. Além disso, os camponeses tinham de pagar tributos como a **mão-morta** e as **banalidades**. A primeira era cobrada caso um filho de camponês continuasse a viver nas terras que o pai ocupava antes de morrer. As segundas eram cobradas pelo uso das instalações do senhor, tais como moinho e fornos.

As obrigações servis eram uma forma de exploração do trabalho dos camponeses. Esses passavam a vida produzindo para seus senhores e não conseguiam acumular riquezas ou mudar sua condição social.

As terras de um determinado reino poderiam pertencer ao rei, à Igreja ou algum nobre, mas não aos camponeses, que eram explorados pelos senhores e não podiam abandonar o feudo para trabalhar em outro lugar; portanto, apesar de livres, estavam presos à terra. Os camponeses constituíam a mão de obra essencial que impulsionava o sistema feudal.



FICA A DICA!

O filme *Robin Hood* (direção de Ridley Scott, 2010) conta a história de Robin, um fora da lei que vive na floresta e rouba dos ricos para dar aos pobres. A trama se passa durante o período medieval, sendo uma boa obra para conhecer os costumes da época.

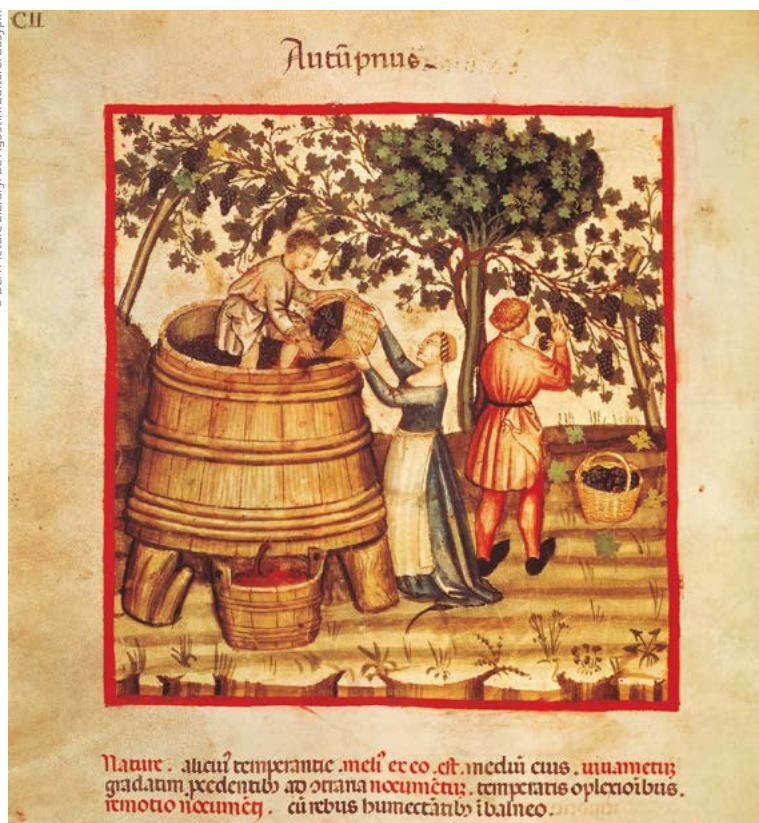
ATIVIDADE 1 Sociedade medieval

As questões a seguir fazem referência aos grupos sociais da Idade Média. Antes de responder, grife no texto *O feudalismo e a sociedade medieval* os grupos sociais existentes na Idade Média e algumas de suas características.

1 Por que os camponeses são considerados a base do sistema feudal?

2 Observe a imagem a seguir e descreva os personagens representados e o que eles estão fazendo. Indique a qual ordem medieval essas pessoas pertenciam.

© DeA Picture Library/De Agostini Editore/EasyPix



Tanque de pisar a uva para fazer o vinho. [Manuscrito do século XIV, de Giovannino de Grassi. Biblioteca Casanatense, Roma (Itália).]



Em que medida você pode afirmar que os camponeses eram explorados pelos nobres? Afinal, não teriam os senhores concedido moradia e terra para que os trabalhadores pudessem criar os meios para sobreviver? Ao se fazer referência à exploração, considera-se que esses trabalhadores geravam com seu trabalho muito mais riquezas do que necessitavam para sobreviver. Contudo, essas riquezas não ficavam com eles, mas sim com os senhores feudais, que exigiam de seus servos dias de trabalho gratuito e o pagamento de várias taxas. Com isso, os nobres acumulavam cada vez mais riquezas e os camponeses tinham apenas o suficiente para sobreviver. Isso também acontece em nossa sociedade do presente? Os trabalhadores ainda são explorados e geram riquezas para seus patrões?



As Cruzadas: disputas entre cristãos e muçulmanos

Durante a Idade Média, como você já viu, a Igreja Católica tinha grande importância política e também exercia forte controle sobre as regras da vida social, definindo as condutas morais consideradas adequadas aos indivíduos.

Para a Igreja, todos aqueles que não seguissem o cristianismo poderiam estar associados ao pecado. Assim, os povos que professavam outras religiões eram considerados inimigos dos cristãos. Entre eles estavam os adeptos do islamismo e do judaísmo. Cristãos, muçulmanos e judeus alternaram, ao longo de centenas de anos, momentos de coexistência pacífica com épocas de intensos conflitos. Contudo, as razões dos enfrentamentos nunca foram exclusivamente religiosas, envolvendo também questões comerciais e disputas por territórios.

Os judeus que viviam em terras cristãs durante a Idade Média passaram por um longo processo de marginalização e perseguição. Em alguns lugares, houve a criação de leis que limitavam os direitos dos judeus de se casarem com cristãos ou até mesmo de se converterem ao cristianismo. Em algumas regiões da Europa, eles foram proibidos de adquirir propriedades da Igreja e prestar serviços na administração das cidades.

Além disso, em certos períodos, a perseguição aos judeus se tornou mais intensa, incluindo ataques violentos contra as comunidades judaicas. Muitos foram expulsos de onde viviam e precisaram buscar abrigo em novas terras ou outros reinos. Essas perseguições se tornaram especialmente intensas durante a época das Cruzadas.

Apesar disso, os judeus desempenhavam um papel econômico importante para a sociedade medieval. Eram eles que realizavam atividades financeiras, como empréstimos ou financiamentos de empreendimentos comerciais. Os cristãos reprovavam esse tipo de atividade, já que as consideravam como indignas ou mesmo pecaminosas. Por isso, os judeus recebiam autorização das autoridades, como os reis, para praticá-las.

Por sua vez, os muçulmanos expandiam seus territórios desde o século VII, inspirados pelo islamismo e seu profeta fundador, Maomé. Nascido em 570, na cidade de Meca, na Península Arábica, ele defendia a existência de um único deus, Alá (Deus, em árabe). Conforme o número de seguidores de Maomé aumentava, eles começaram a sofrer perseguições dos sacerdotes locais. Os comerciantes de Meca também tinham medo de que o islamismo afetasse o rico comércio gerado pelos peregrinos fiéis às religiões locais.

Por isso, em 622, Maomé e seus seguidores foram expulsos de Meca, episódio conhecido como Hégira. Alguns anos depois, a partir da cidade de Medina (antiga Yatrib), o islamismo se fortaleceu e conseguiu se difundir pela Península Arábica. Para registrar os princípios religiosos da nova religião, assim como os códigos de conduta de seus seguidores, foi escrito o Corão, livro sagrado do islamismo.

O século VIII foi um período de grande expansão para os árabes, que conquistaram territórios ao norte do continente africano e ao sul da Europa, na Península Ibérica. Dominaram também grande parte do Oriente Médio e estenderam seus domínios até a Índia. Esse processo de expansão ajudou a espalhar a religião muçulmana pelo mundo.

Os muçulmanos dominaram importantes rotas de comércio no Mar Mediterrâneo e com o Oriente. A partir do século X, quando a Europa começava a ampliar sua vida comercial (conforme você vai estudar na Unidade 4), os conflitos entre cristãos e muçulmanos ficaram ainda mais evidentes.

Em 1095, o papa Urbano II anunciou o que ficou conhecido como a Primeira Cruzada. As Cruzadas eram expedições organizadas contra os inimigos dos cristãos, fossem eles muçulmanos, povos pagãos ou de qualquer orientação religiosa que não fosse a cristã. Aqueles que participassem das Cruzadas receberiam a indulgência (o perdão de seus pecados), além de terem o direito de saquear os bens dos povos derrotados. Assim, os peregrinos, ou cruzados, eram atraídos pela promessa do paraíso após a morte ou de conquista de terras durante a vida.

Nas oito Cruzadas ocorridas, muitos nobres, e até mesmo reis, participaram das expedições. A Primeira Cruzada, ocorrida entre 1096 e 1099, teve como objetivo a retomada de Jerusalém, cidade considerada sagrada para os cristãos e que estava sob domínio dos muçulmanos. Os cristãos conseguiram retomá-la temporariamente, tendo sido essa a única empreitada bem-sucedida. A última Cruzada, liderada pelo rei francês Luís IX em 1270, tinha o objetivo de lutar contra os muçulmanos na Tunísia. Contudo, ela foi encerrada no mesmo ano do falecimento do rei, vítima de uma epidemia. Em reconhecimento aos seus trabalhos em nome da fé cristã, o rei acabou sendo canonizado como São Luís.

Em mais de dois séculos de expedições ao Oriente, as Cruzadas não conseguiram recuperar o controle de Jerusalém, exceto por aquele breve momento durante a Primeira Cruzada. Por sua

vez, as Cruzadas contribuíram para o fortalecimento das rotas de comércio entre Ocidente e Oriente, uma vez que nesse período foi constante o fluxo de mercadorias do Oriente para o Ocidente. As Cruzadas ajudaram também a criar novas rotas que viabilizaram a ampliação do comércio.

FICA A DICA!

O filme *Cruzada* (direção de Ridley Scott, 2005) conta a história do personagem Balian, que dedica sua vida a lutar pela paz em Jerusalém. Na narrativa, são apresentados nobres que se devotam às Cruzadas. O filme mostra as Ordens de Cruzados, suas relações com a Igreja e com o rei e suas motivações.



Representação de cavaleiros nas Cruzadas. O personagem em destaque traz estampado em seu escudo uma cruz - daí o nome cruzado. Os cruzados eram os "soldados de Cristo" mobilizados pelos reis cristãos para lutar contra aqueles considerados infiéis. [Imagem baseada em afresco do século XII da Capela de Cressac (França).]

ATIVIDADE

2 As guerras religiosas

1 Explique a relação que se estabelecia entre a ocorrência das Cruzadas e as rotas de comércio na Idade Média.

2 Observe a imagem a seguir.

© The Granger Collection/Glow Images



Um cristão e um muçulmano jogando xadrez durante uma Cruzada. [Detalhe de manuscrito espanhol, século XIII.]

Sabendo que o objetivo do jogo de xadrez é derrotar o rei inimigo, crie uma interpretação para a imagem, levando em consideração o que você estudou neste tema sobre as Cruzadas.

MOMENTO
CIDADANIA

A mostra *Coexistence* (coexistência, em inglês, ou seja, “existência simultânea”) foi idealizada em 2001 em resposta à violência religiosa praticada em regiões de Jerusalém, em Israel. Em 2006, essa exposição esteve no Brasil, quando 45 *outdoors* foram montados na Praça da Paz, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo (SP). A finalidade era sensibilizar a sociedade para a importância de os povos coexistirem apesar das diferenças culturais, com base no diálogo e no respeito ao outro. O artista polonês Piotr Mlodozieniec criou o símbolo da mostra, com a palavra “Coexist” (coexistir, em inglês) escrita com os símbolos do islamismo (a lua crescente), do judaísmo (a estrela de Davi) e do cristianismo (a cruz), as três grandes religiões monoteístas.

Vários documentos internacionais, dos quais o Brasil é signatário, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, defendem a liberdade de religião, de opinião política e de expressão, não podendo nenhum cidadão ser condenado por suas convicções, desde que essas não incitem a violência ou o ódio a outros grupos.



Pedestres em Jerusalém, em 2001, passando em frente ao pôster *Coexist*, que em português significa “coexistir”, no qual se vê uma lua crescente (símbolo do islamismo), uma estrela de Davi (que representa o judaísmo) e uma cruz (que simboliza o cristianismo).



DESAFIO

Atendendo ao apelo do papa Urbano II, em 1095, a Europa cristã organizou uma série de expedições militares conhecidas como Cruzadas, cujos objetivos declarados eram a conquista da Terra Santa de Jerusalém, a ajuda aos bizantinos e a união da cristandade contra os muçulmanos.

Apesar das oito Cruzadas, realizadas entre 1096 e 1270, nenhum desses objetivos foi plenamente alcançado. Por outro lado, como destaca o medievalista Jacques Le Goff, os comerciantes foram os grandes ganhadores da expansão cristã do século XII.

No contexto da Europa feudal, as Cruzadas contribuíram para a

- a) conquista, pelos árabes, de territórios cristãos na Península Ibérica.
- b) dinamização dos contatos comerciais entre o Oriente e o Ocidente.
- c) ampliação das áreas feudalizadas pela nobreza guerreira vitoriosa.
- d) dizimação dos campos de cultivo pelas epidemias da peste negra.
- e) expansão do Império Bizantino sobre as áreas mediterrânicas.

Fatec 2012, 2º semestre. Disponível em: <http://www.vestibularfatec.com.br/download/prova_ant/79.pdf>.
Acesso em: 22 de set. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Sociedade medieval

1 Estudando a estrutura social do feudalismo e a maneira como os camponeses se inseriam nela e se relacionavam com as outras ordens medievais, você poderia ter respondido que os camponeses eram a base da sociedade medieval porque eram eles que trabalhavam na terra, que produziam o alimento, garantindo o sustento de suas famílias e também o da nobreza e do clero.

2 Após ter analisado a imagem, você poderia perceber que nela estão representados dois adultos e uma criança, vestidos com roupas simples. Eles estão amassando uvas, em um grande tanque, para fazer vinho. Portanto, você podia ter concluído que eles são trabalhadores rurais, camponeses, provavelmente servos que dependiam das terras dos senhores para viver.

Atividade 2 - As guerras religiosas

1 Você estudou as consequências causadas pela grande expansão árabe a partir do século VIII. Assim, você poderia responder que ela trouxe dificuldades para o desenvolvimento do comércio na Europa, já que os árabes passaram a dominar importantes rotas comerciais com o Oriente, inclusive as do Mar Mediterrâneo. Além disso, várias regiões da Europa foram dominadas pelos árabes. Nesse contexto, acirrou-se a oposição entre muçulmanos e cristãos, estes últimos sob a liderança da Igreja Católica, que pregava a guerra contra os infiéis. Você também poderia dizer que a organização das Cruzadas, a partir de 1095, foi uma tentativa dos cristãos de expulsar os muçulmanos das terras conquistadas e de recuperar o controle sobre as rotas comerciais entre o Ocidente e o Oriente.

TEMAS


1. As transformações do feudalismo
2. O Renascimento artístico e cultural

Introdução

Durante os séculos XIII e XIV, a Europa viveu uma nova dinâmica econômica, que transformou não apenas as atividades produtivas, mas também a estrutura da sociedade medieval e sua maneira de entender o mundo.

Essas transformações impulsionaram a transição do feudalismo para o capitalismo, e marcaram a passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

Na Unidade 4, você estudará o processo de retomada das atividades comerciais e do fortalecimento das cidades como centros de produção econômica, cultural e artística.



TEMA 1 As transformações do feudalismo

O objetivo deste tema será apresentar as principais transformações ocorridas na segunda metade do período medieval, também chamada de Baixa Idade Média. É importante perceber as condições existentes naquela época que permitiram essas mudanças, isto é, o contexto histórico favorável à retomada das atividades comerciais, ao ressurgimento das feiras comerciais e ao fortalecimento das cidades como centros econômicos, político-administrativos e culturais.

Nesse processo de transformações, o feudalismo foi sofrendo alterações, o que constituiu as condições para o surgimento de um novo sistema econômico e social. Durante os séculos de transição, as sociedades da Europa viveram o período da chamada expansão feudal.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Na Unidade anterior, você estudou a consolidação do sistema feudal. Retome as informações sobre como estava organizada a economia daquela época, destacando as relações de produção, as condições de trabalho e a situação da população rural. Quais foram as mudanças que ocorreram no sistema feudal, ao final da Idade Média?

Apresente alguns elementos que diferenciem a sociedade feudal (estudada na Unidade anterior) da sociedade em que você vive hoje, tais como mudanças nas relações de trabalho, na produção e na forma como as pessoas vivem e se organizam.



O Renascimento comercial e urbano

O período medieval caracterizou-se por um conjunto de aspectos, como: economia agrícola, mão de obra servil, fraco comércio, sociedade baseada no nascimento e poder dos nobres. Esse conjunto de características começou a mudar a partir dos séculos XI e XII, quando novas técnicas de plantio foram adotadas, ocasionando um aumento da produção agrícola.



ASSISTA!

História – Volume 1

O Renascimento

O vídeo traz uma sequência de imagens de época, trechos de filmes e falas de especialistas que tratam dos principais acontecimentos que marcaram a Europa entre os séculos XIV e XVI, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Do renascimento das cidades ao renascimento técnico-científico, você pode aprofundar seus conhecimentos sobre o período.

Naquela época, a Europa passava por um momento de crescimento populacional, motivado pelo desenvolvimento da agricultura, pela diminuição das guerras e pela queda nas taxas de epidemias em seu território. Nos campos, os servos passaram a usar o arado de ferro – mais eficiente do que o de madeira no preparo da terra –, a seleção de grãos, a rotação trienal – sistema de rodízio das culturas para evitar o esgotamento do solo e aumentar a área de cultivo –, além dos moinhos de vento ou d'água, usados para moer os grãos em maior quantidade. Cavalos e bois passaram a ser usados para puxar o arado.

Todas essas inovações técnicas contribuíram para o aumento na produção de gêneros alimentícios. Isso proporcionou uma dieta mais nutritiva e, consequentemente, a diminuição da mortalidade e uma melhoria da qualidade de vida da população rural.

Com o excedente agrícola, as trocas de produtos ficaram mais frequentes e, conseqüentemente, as atividades comerciais retomaram sua dinâmica, proporcionando o desenvolvimento das feiras comerciais medievais nas proximidades dos castelos e, mais tarde, o crescimento dos mercados nas cidades. Nessa época, tais centros de comércio eram chamados burgos e eles foram a origem de muitas cidades medievais. Ainda que o comércio nunca tenha deixado de existir, no início da Idade Média as atividades mercantis haviam entrado em declínio, isto é, perdido importância.



VOCÊ SABIA?

Nos burgos, os artesãos organizavam-se em associações que reuniam profissionais de uma mesma área. Eram as **corporações de ofício**. Elas tinham como objetivo regular a produção artesanal, proteger os preços de seus produtos, garantir a qualidade das mercadorias e controlar os profissionais de cada área. O **mestre** era o artesão dono da oficina e responsável por inspecionar a produção no burgo. O **jornaleiro** era o artesão que recebia um pagamento diário para trabalhar em um estabelecimento. Os jovens eram os **aprendizes**, que em troca de aprenderem um ofício, trabalhavam e moravam na casa do mestre. Nessa época, nos burgos, o trabalho assalariado começou a substituir a servidão.



Cidade medieval de Carcassonne, no sul da França, em foto de 1968. Destaque para os muros e as torres do antigo burgo. Nos arredores, os campos de cultivo. A cidade, que estava parcialmente em ruínas, foi restaurada no século XIX.

Depois, na chamada expansão feudal, com a retomada da produção do excedente agrícola, os mercados passaram a receber cada vez mais produtos. Da mesma forma, a população urbana foi crescendo, já que as atividades nos burgos – o comércio e o artesanato – representavam novas possibilidades econômicas e sociais.

Embora a maioria da população ainda vivesse nas áreas rurais, dependendo dos feudos e de seus senhores, muitos servos, com a venda de parte da sua produção, conseguiram deixar o campo para viver nas cidades, ou então compraram terras e tornaram-se pequenos proprietários ou camponeses assalariados.

Nos burgos, a população vivia das atividades mercantis – compra e venda de produtos agrícolas e artesanais. Estes eram produzidos pelos artesãos que lá viviam: sapateiros, alfaiates, padeiros, marceneiros, ferreiros, pedreiros, tecelões e tantos outros. Quem vivia nesses centros urbanos era chamado de burguês.

Como consequência das transformações econômicas, também ocorreram mudanças sociais. Se antes a sociedade medieval era determinada pelo nascimento, praticamente dividida entre nobres (os proprietários das terras) e servos (os trabalhadores do campo que não possuíam terras), nesse período de transformações surgiu um novo grupo social, a burguesia.

Suas atividades econômicas abriram caminho para a transição do feudalismo para o capitalismo e representaram novas possibilidades de ascensão social.



Você já parou para pensar sobre a relação de dependência entre a cidade e o campo? É só prestar atenção nos produtos que você consome diariamente. Quantos deles foram produzidos nas áreas rurais? Ou, no caso dos industrializados, de onde vieram as matérias-primas usadas na sua produção? E quando você vai a um mercado, de onde vieram todas aquelas frutas, verduras, legumes, carnes e ovos que você compra?

Você acha possível que uma cidade viva sem depender da produção agrícola? E o campo, pode se desenvolver sem os centros urbanos?

ATIVIDADE

1

Atividades econômicas na Idade Média

Retome o que você estudou neste tema e, com base na comparação das imagens a seguir, identifique o que mudou e o que permaneceu em relação às atividades



DESAFIO

1 Sobre as associações de importantes grupos sociais da Idade Média, um historiador escreveu:

“Eram cartéis que tinham por objetivo a eliminação da concorrência no interior da cidade e a manutenção do monopólio de uma minoria de mestres no mercado urbano”.

(Jacques Le Goff, *A civilização do Ocidente medieval*.)

O texto caracteriza de maneira típica

- a) as universidades medievais.
- b) a atuação das ordens mendicantes.
- c) as corporações de ofício.
- d) o domínio dos senhores feudais.
- e) as seitas heréticas.

Unesp 1998. Disponível em: <http://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/unesp/1998/1dia/UNESP1998_1dia.pdf>. Acesso em: 9 set. 2014.

2

A partir do século X, mas principalmente do XI, é o grande período de urbanização – prefiro utilizar esse termo mais do que o de renascimento urbano, já que penso que, salvo exceção, não há continuidade entre a Idade Média e a Antiguidade.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Unesp, 1988, p. 16.

A respeito das cidades medievais, após o ano mil, é CORRETO afirmar:

- a) Tornaram-se centros econômicos e financeiros e vinculados às rotas mercantis e à produção agrária das áreas rurais próximas.
- b) Eram fundamentalmente sedes episcopais e centros administrativos do Sacro Império Romano Germânico.
- c) Tornaram-se núcleos da produção industrial que começou a desenvolver-se sobretudo no norte da Itália, a partir do século XI.
- d) Tornaram-se os principais entrepostos do comércio de escravos africanos desde o início das Cruzadas.
- e) Apresentaram-se como legado das pólis gregas e das cidades romanas da Antiguidade.

Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro (FGV-RJ), 2013. Disponível em: <<http://www.cneonline.com.br/exames-educacionais/vestibular/provas/rj/fgv-rj/2013/1a-fase/fgv-rj-2013-0-prova-completa-1a-fase-c-gabarito.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2014.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Atividades econômicas na Idade Média

Na primeira imagem, você pôde observar que os trabalhadores são servos que estão cultivando as terras do senhor feudal. Há um camponês semeando e outro, sobre o cavalo, arando a terra. Ao fundo, você viu o castelo do nobre. Na segunda imagem, você poderia notar que há um mercado de rua, em uma cidade medieval, e que as atividades praticadas no burgo são o artesanato e o comércio. Comparando as duas imagens, e retomando seus estudos sobre o texto, seria possível perceber tanto as transformações econômicas (retomada do comércio e crescimento das cidades) e sociais (surgimento da burguesia, com os comerciantes e artesãos) como a permanência de relações feudais e do trabalho nos campos durante o período.



Retomada das ideias da Antiguidade Clássica

Quando a população vivia, em sua maioria, no campo e dependia das atividades agrícolas, o conhecimento necessário para essas atividades era adquirido na prática cotidiana e pela tradição familiar e da comunidade. Os camponeses não frequentavam escolas. Eles aprendiam com suas próprias experiências a cultivar plantas e a criar animais.

Nessa época, o saber letrado era monopolizado pela Igreja. As poucas escolas existentes eram voltadas à educação religiosa. Aqueles que pretendiam se dedicar às atividades da Igreja frequentavam as escolas monásticas, quase sempre localizadas nas áreas rurais. Nesses locais, aprendia-se a ler e escrever, estudava-se o latim (língua oficial da Igreja) e também as “sete artes liberais”: Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Astronomia e Música. Tais conhecimentos eram fundamentais para a formação dos **clérigos**.

Com o Renascimento comercial e urbano, a população dos burgos passou a necessitar de outros conhecimentos. Ou seja, os burgueses precisavam ser capacitados para as novas atividades econômicas, bem como para administrar as cidades. Nesse contexto, surgiram as escolas urbanas e as universidades, voltadas ao ensino **laico**, isto é, à capacitação da população burguesa para ler, escrever e saber contar, além de realizar estudos jurídicos.

Nessas instituições de ensino, a razão era valorizada, assim como a fé. As disciplinas eram divididas em quatro “faculdades”: Artes (as sete artes liberais), Teologia (estudo das coisas divinas), Medicina e Direito. A primeira universidade europeia surgiu em Bolonha (Itália), em 1088, seguida por outras, como a de Módena (Itália), em 1175, as de Paris e Montpellier (França), Cambridge e Oxford (Inglaterra) e Coimbra (Portugal) no século XIII, as de Florença, Pisa e Viena (Itália) no século XIV e outras mais.



Glossário

Clérigo

Membro do clero, sacerdote, ministro religioso, responsável pelos cultos da Igreja.

Laico

Aquilo que não sofre interferência religiosa. No caso do ensino laico, refere-se ao ensino voltado para pessoas que não pertenciam ao clero.



FICA A DICA!

O filme *O nome da rosa* (direção de Jean-Jacques Annaud, 1986), baseado no romance do escritor italiano Umberto Eco, conta a história de misteriosos assassinatos em um mosteiro medieval no ano de 1327. Na trama, aparecem como pano de fundo os conflitos religiosos e de ideias típicos do período medieval. O filme permite perceber como a educação, no começo da Idade Média, era restrita ao clero.

As cidades passaram a ser, além de centros econômicos, políticos e religiosos, também centros de produção de cultura, divulgando novos conhecimentos artísticos e científicos, cada vez mais desvinculados do controle da Igreja.

No fim do século XIV, em algumas cidades da Europa, sobretudo nas da Península Itálica, em que o comércio havia prosperado e enriquecido seus representantes, a produção cultural foi muito intensa. Por meio do patrocínio de alguns indivíduos da burguesia, chamados **mecenas**, muitos pesquisadores, intelectuais e artistas destacaram-se com obras nas áreas da literatura, pintura, escultura, arquitetura, matemática e astronomia, entre outras. Essa efervescência artística e cultural teve seu auge nos séculos XV e XVI e ficou conhecida como Renascimento.



VOCÊ SABIA?

Mecenato é o ato de patrocinar financeiramente uma atividade. Durante o Renascimento, os mecenas contribuíram com a produção artística e cultural na Europa, financiando muitos artistas, como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Rafael Sanzio, Rabelais, Montaigne e muitos outros. Em geral, os mecenas eram burgueses que destinavam parte de suas riquezas às artes, como forma de demonstrar seu poder econômico e conquistar prestígio social.



PARA SABER MAIS



A crise do século XIV

A expansão feudal, caracterizada pelo crescimento populacional, pela retomada das atividades comerciais e pela multiplicação dos centros urbanos, ocorrida durante a Baixa Idade Média, foi abalada por uma série de acontecimentos que ficaram conhecidos como a crise do século XIV. Nesse período, a Europa foi palco de uma longa guerra entre os reinos da França e da Inglaterra (Guerra dos Cem Anos). Além desse conflito, muitas regiões foram contaminadas pela peste negra (peste bubônica), uma doença vinda da Ásia, pelas rotas comerciais, e que matou quase 30% da população europeia. Houve um declínio demográfico, agravado pela diminuição da produção agrícola, carestia dos alimentos e ameaça da fome. Ocorreram também várias revoltas populares (*jacqueries*) contra a exploração dos trabalhadores pelos nobres, que terminaram com a morte de mais de 20 mil camponeses.

ATIVIDADE 1 As escolas nas cidades

Com base no texto *Retomada das ideias da Antiguidade Clássica*, escreva um parágrafo relacionando o surgimento das escolas urbanas com o fortalecimento da burguesia e de suas atividades econômicas.



Nova visão de mundo

Os pensadores renascentistas buscavam compreender de maneira racional a relação do ser humano com a natureza. Quer dizer, a explicação do mundo não seria mais feita pelas “leis divinas”, ou seja, pela vontade de Deus, mas pelas leis da natureza. Eles diziam que a matemática era a “linguagem da natureza” e, portanto, a natureza poderia ser estudada e seus fenômenos demonstrados. O pensamento foi deixando de ser exclusivamente **teocentrista** (a ideia de que Deus era o centro de tudo) para se tornar **antropocentrista** (em que o ser humano era o centro das preocupações), mesmo com o combate da Igreja às ideias consideradas contrárias aos **dogmas** religiosos.



Dogma

Ideia religiosa inquestionável.

Um exemplo dessa mudança de pensamento foi Galileu Galilei, pensador italiano que retomou entre os séculos XVI e XVII as polêmicas teses de Nicolau Copérnico. Galileu, com o uso da luneta, sustentou a teoria de que era o Sol, e não a Terra, o centro do universo. Essa afirmação contrapôs um dos principais dogmas da Igreja, o geocentrismo (a ideia de que a Terra é o centro do universo), e foi responsável pela condenação de Galileu, que, temendo a morte, foi obrigado a renegar sua teoria. Nessa época, pensadores que contestaram os dogmas da Igreja foram julgados pelos tribunais da própria Igreja, conhecidos como Tribunais do Santo Ofício ou Inquisição.

Nessa época, a capacidade de pensar era cada vez mais valorizada e a compreensão do mundo era fruto do pensamento racional do ser humano.

Isso não significa que os homens do Renascimento eram antirreligiosos ou deixaram de acreditar em Deus. Eles desejavam apenas valorizar a capacidade criativa do ser humano. Assim como o pensamento greco-romano, eles enalteciam a dignidade humana, a beleza e o conhecimento. Por isso, esses pensadores do Renascimento eram chamados de **humanistas**.

FICA A DICA!

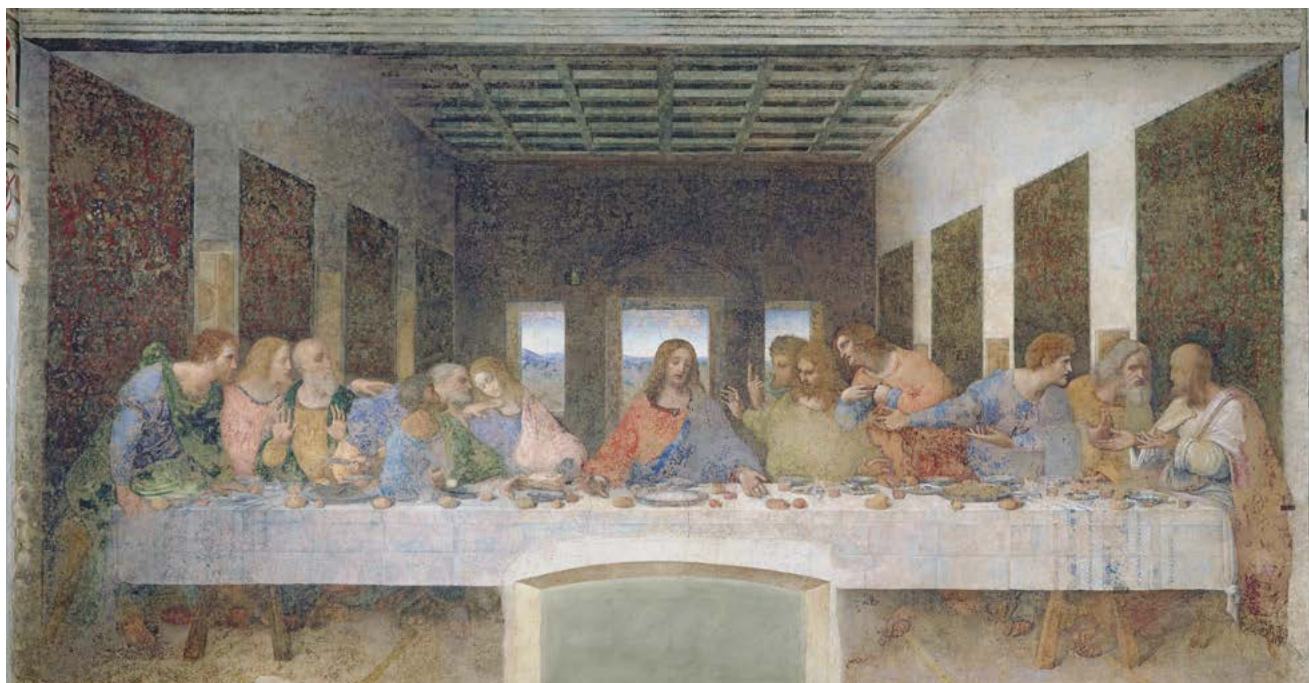
O filme *Giordano Bruno* (direção de Giuliano Montaldo, 1973) aborda os processos da Inquisição e mostra a execução do matemático, astrônomo e filósofo italiano Giordano Bruno, nascido em 1548 e morto em 1600 em uma fogueira, devido às suas teorias contrárias aos dogmas da Igreja Católica.

No Renascimento, filósofos e pensadores da Antiguidade Clássica, como Aristóteles e Platão, foram retomados, os manuscritos gregos e latinos foram estudados e suas ideias serviram de estímulo para a criação de novos saberes.

A valorização das capacidades humanas coincidia com os ideais da burguesia, isto é, do “novo homem” que surgia, que dependia de seus conhecimentos para garantir um lugar na antiga sociedade medieval.

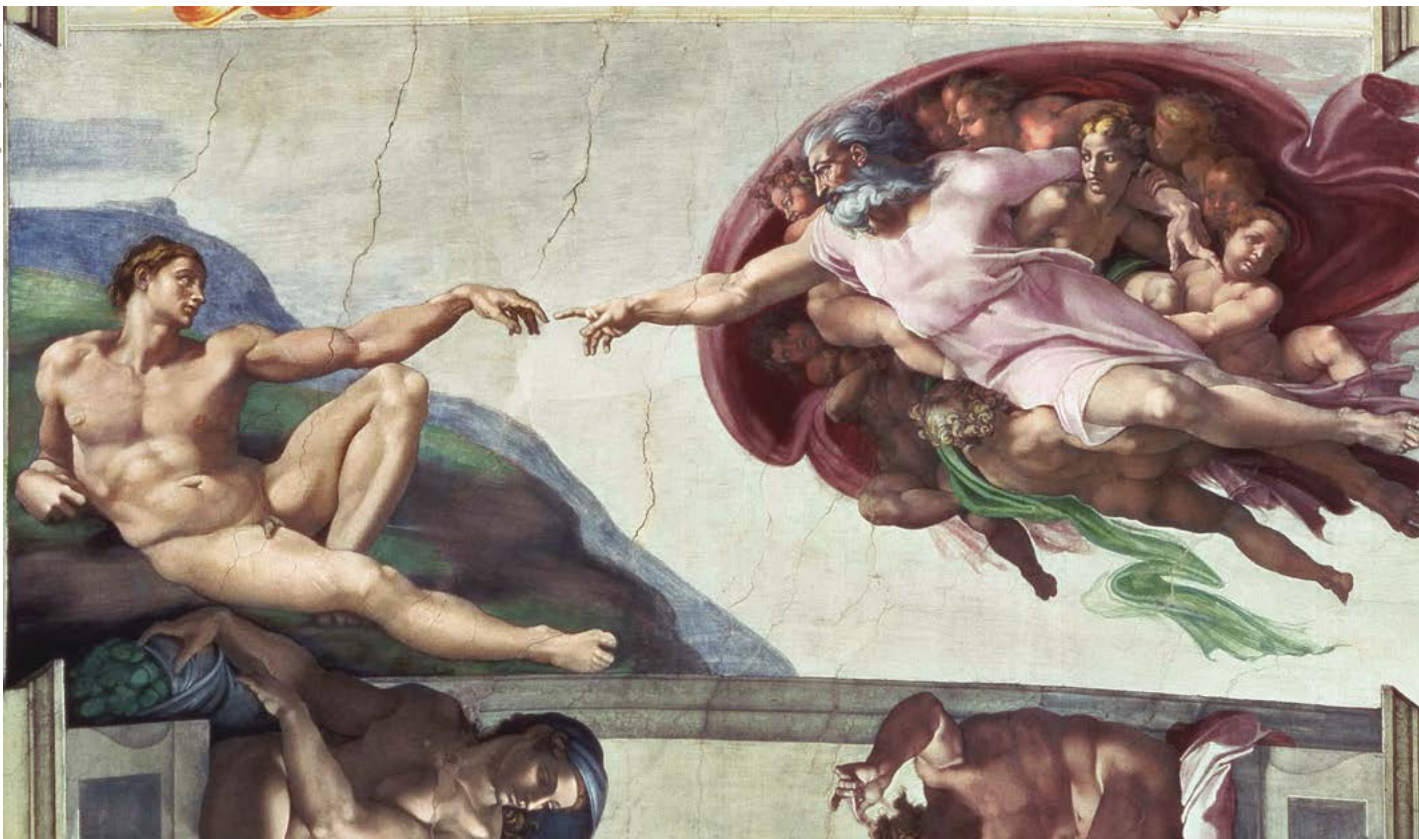
Nas artes, técnicas de desenho e pintura inovaram as representações ao criar:

- a perspectiva, que dava a ideia de tridimensionalidade às imagens, ou seja, uma ilusão de profundidade;



Pintada na parede do refeitório do convento de Santa Maria da Graça, em Milão (Itália), a cena bíblica representada segue os padrões da arte renascentista – os personagens têm feições humanas e a perspectiva cria a ilusão de um espaço tridimensional. [Leonardo da Vinci. *A última ceia*, 1495-1497. Afresco, 460 cm × 880 cm. Santa Maria da Graça, Milão (Itália).]

- os efeitos de luz e sombra, que davam volume às formas, tornando as imagens mais realistas.



Detalhe da pintura do teto da Capela Sistina, no Vaticano. Trata-se de um dos símbolos da arte renascentista, em que o artista representou o ser humano praticamente no mesmo nível de Deus, indicando uma semelhança entre criatura e criador. Embora seja um tema bíblico, essa obra demonstra os valores humanistas do período. [Michelangelo Buonarroti. *A criação de Adão*, 1511-1512. Afresco, 280 cm x 570 cm. Museu do Vaticano.]

Além dos temas bíblicos e mitológicos, também surgiram os retratos, destacando a representação do burguês.

Para um burguês, ser retratado era símbolo de prestígio social, pois apenas quem tinha muito dinheiro podia financiar uma pintura. [À esquerda: Rafael Sanzio. *Retrato de Agnolo Doni*, 1506. 63 cm x 45 cm. Palácio Pitti, Florença (Itália). À direita: Piero della Francesca. *Retrato de Federico da Montefeltro*, c. 1465-1470. Têmpera sobre painel, 47 cm x 33 cm. Galeria dos Ofícios, Florença (Itália).]



© Leemage/Corbis/Latinstock



© DeA Picture Library/Album Art/Latinstock

Na arquitetura, o estilo renascentista deu importância ao projeto racional, pautado pela simetria e pelas formas geométricas, consideradas a base da beleza na época.

Para as edificações, muitos equipamentos e técnicas foram criados e desafios foram superados em construções que marcaram a paisagem de várias cidades europeias, como Florença, Milão e Roma, na Península Itálica. Assim, na construção civil, o planejamento das obras ficou sob a responsabilidade dos arquitetos.

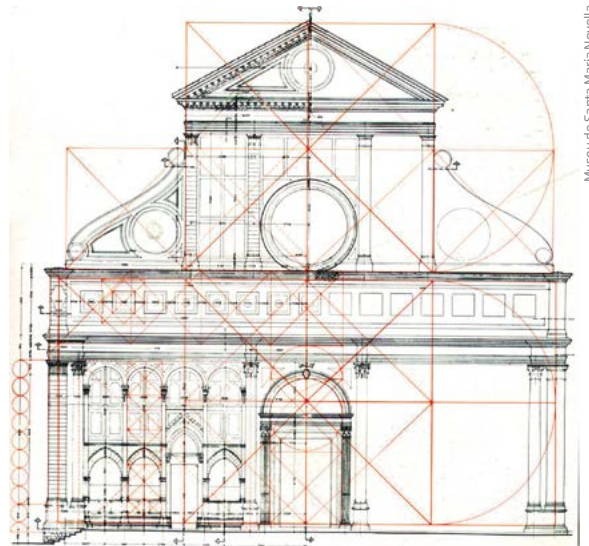
Relevo decorativo hexagonal, parte de uma série que descreve os praticantes das artes e das ciências. Museu da Ópera do Duomo, Florença (Itália).



© Ciraudon/Bridgeman Images/Keystone



© Bridgeman Images/Keystone



Museu de Santa Maria Novella

Fachada da Igreja Santa Maria Novella, em Florença. É possível identificar as formas geométricas, as proporções e a simetria, típicas da arquitetura renascentista.



VOCÊ SABIA?

O Renascimento surgiu durante as transformações do feudalismo. Os historiadores, até o século XIX, consideravam o Renascimento uma ruptura com a Idade Média, pois achavam que era um período relacionado aos valores da Antiguidade Clássica greco-romana e que, portanto, não tinha origem na sociedade medieval. Para eles, a Idade Média era a “idade das trevas”, pois nessa época teria acontecido um retrocesso na produção cultural, com o domínio do pensamento religioso e pouca contribuição para o conhecimento do mundo. Assim, a crescente produção artística do Renascimento significaria um “renascer” de uma cultura que se encontrava adormecida desde a Idade Antiga. No entanto, os historiadores do século XX passaram a considerar o Renascimento um período vinculado ao processo de transformações do feudalismo. A retomada das atividades comerciais e o surgimento da burguesia foram os elementos que possibilitaram a produção cultural, artística e científica renascentista.



DESAFIO

A imagem abaixo foi concebida em 1434 pelo artista flamengo Jan Van Eyck (1390-1441). A cena foi encomendada pelo mercador italiano Giovanni Arnolfini – retratado na tela ao lado de sua noiva, Jeanne de Chenany – e testemunhava a união conjugal desse casal.

Considerando o contexto social, econômico e artístico em que esse quadro foi pintado, assinale a alternativa **INCORRETA**.

a) O quadro é indicativo de transformações históricas pelas quais passavam a Europa desde a crise do feudalismo. Ele testemunha a emergência de novas classes sociais e de novos sentidos para a arte no contexto da chamada Revolução Comercial, retratando uma cena cotidiana de pessoas comuns (no caso, burgueses).

b) No século XV, a presença de mercadores italianos no norte da Europa era comum. Flandres e a Península Itálica estavam conectadas entre si desde, pelo menos, o século XIII, fazendo parte de uma grande rede de comunicação comercial, marítima e terrestre constituída na Europa.

c) O quadro demonstra que a nascente burguesia europeia, do século XV em diante, passou a gozar de *status* social correspondente ao da nobreza. Isso porque, ao longo dos séculos XV, XVI e XVII, figurar em obras de arte era privilégio exclusivo dos grupos sociais de maior poder e prestígio.

d) A pintura flamenga do século XV dialogou com o Renascimento Italiano. A técnica da pintura a óleo, por exemplo, foi introduzida em Flandres e também na Itália naquela época. Essa técnica permitiu que pintores flamengos, florentinos e venezianos dessem mais realismo e vivacidade às suas obras.



Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2007.
Disponível em: <http://download.uol.com.br/vestibular/provas/2007/ufu_Historia_2007_julho.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014. / Imagem: © Bridgeman Images/Keystone

Jan Van Eyck. *O Casal Arnolfini* (1434). Óleo sobre madeira, 82 x 60 cm. Galeria Nacional, Londres. Disponível em: http://gallery.euroweb.hu/art/e/eyck_van/jan/15arnolf/15arnol.jpg

